FREDERICO HOPFFER

O JOGO DO PAU

O JOGO DE PAU

POR

FREDERICO HOPFFER

EDIÇÃO ILLUSTRADA

LIVRARIA J. RODRIGUES & C.ª
186, R. DO OURO, 188
LISBOA

DUAS PALAVRAS

SOBRE O

JOGO DE PAU

POR

FREDERICO HOPFFER

LISBOA
J. RODRIGUES & C.ª, EDITORES
186, RUA AUREA, 188
1924

Ofereço ao praticante Nuno Russ
como prova de muito estímulo
para que venha a ser um
futuro mestre.

Manuel Lourenço Taboada

10-7-74

PREFACIO

Certo estou de que na tarefa que vou emprehender, encontrarei grandes dificuldades, como tenho visto sempre confessar a outros, que pela primeira vez se propõem descrever o *modus faciendi* de qualquer ramo de sport; mas a minha bôa vontade, aliada á obsequiosa benevolencia de quem se dignar algum dia lêr e aturar esta maçada, suprirão todas as minhas faltas de competencia.

O trabalho que vou começar, pretende mal remediar uma falta dos mestres e jogadores de páu, meus antepassados e contemporaneos, alguns dos quaes com muito mais competencia, poderiam ter dedicado uns momentos da sua attenção, para transmittir ao papel as suas impressões, com relação a este lindo genero de sport, decerto de todos os que se praticam no nosso paiz, o que é mais genuinamente portuguez.

Vou pois tentar fazel'o, sem a pretenção de fazer um livro, visto que para isso me falta tempo, habito de descrever, e toda a bagagem indispensavel. Não farei um metodo sobre jogo do páu, mas sim, e o melhor que souber, exporei tudo quanto aprendi, para que mais tarde

alguem com melhores aptidões, emende, acrescente ou ilimine, e faça o que entender para a feitoria de obra mais completa e perfeita.

Não escrevo tambem com a ideia de que o meu trabalho possa servir aos actuaes discipulos, á semelhança do que succede com o «Inglez sem mestre», mas interessando-me pelos vindouros, e mesmo por qualquer da actualidade que não sendo leigo no assumpto, goste de analisar um pouco estas cousas. Eu tive muito bons mestres, e pratiquei n'uma epocha em que, talvez, o jogo de páu estivesse em Lisboa n'uma das suas melhores fases.

O jogo de páu como exercicio fisico e seus perigos

O jogo do páu é um dos exercicios fisicos mais uteis á saúde, pela diversidade dos seus movimentos; modera ou educa a coragem de quem o pratica, e tambem será um pouco educativo, quando bem dirigido desde o principio.

E' praticado sem qualquer protecção artificial, como sucede e é indispensavel em outras esgrimas, e por isso aconselha aos jogadores mais prudencia e generosidade, para com os adversarios mais inferiores.

Logo ás primeiras lições o mestre ou professor tem por obrigação fazer abrandar os nervos ao discipulo, mostrando-lhe as pancadas em todo o seu comprimento, mas muito vagarosamente, e exigir d'elle que lhe responda com tanta delicadesa, como necessita quando é atacado, para não ser tocado. Só assim o discipulo tem um bom principio, não ficando iludido com a validade das suas imperfeitas defesas, e consegue cair bem no animo do professor.

Dár todo o comprimento ás pancadas é indispensavel a fim de que o discipulo não fique iludido, o que pouca importancia teria quando joga com o mestre, porque esse encurta, desvia, retarda, etc., as pancadas, mas quando jogar com qualquer condiscipulo ou adversario, não lhe será facil encontrar quem lhe faça o mesmo.

Para mim não ha espectaculo mais repugnante, e que mais me contrarie, do que vêr dois jovens companheiros e amigos, supondo que jogam o páu, atirando-se mutuamente pauladas com quanta fôrça têem, muito inconscientemente ignorando, que n'um abrir e fechar d'olhos, póde qualquer d'elles ficar seriamente aleijado.

Rapazes assim, não têem a minima noção do que seja o encanto do estudo do jogo de páu, e tambem desconhecem o que seja educação desportiva.

A falta de metodo no ensino, é a mãe da falta de educação desportiva, e ambas concorrem para multiplicar os perigos inerentes a todos os ramos de sport. Todos os sports se tornam perigosos e mesmo prejudiciaes, quando executados sem metodo, e o jogo de páu não faz excepção á regra.

Nada mais bonito, nem cousa alguma define melhor o valor do jogador, do que vel-o deligenciar fazer um bom conjunto, dando terreno ao seu adversario, quando esse se encontra entalado, cedendo-lhe o bom terreno para se ir collocar no peor, fazendo-lhe apenas ataques que o adversario mais fraco possa perceber, e a que possa responder, sem nunca abusar da força, do saber e da pratica.

Não ha publico leigo, que não conheça qual dos adversarios é melhor executante, e esse mesmo publico, aprecia mais vêr jogar como acima disse, do que assistindo a um assalto entre um jogador vaidoso e um outro sem recursos.

Não quero com isto dizer, que se seja mole a jogar, mas sim cauteloso e delicado.

Quando haja uma completa pratica, póde-se e é deveras agradavel jogar forte e rapido, pois que o perigo desappareceu de parte a parte, mas isso não diz respeito a principiantes, e mesmo assim, a excessiva rapidez raras vezes póde ser bem aproveitada.

E' assumpto a que em sua altura terei de me referir.

Historia do jogo de páu

Com muita magua tenho a declarar, que nada sei de positivo, que mereça a pena referir, pois que certas cousas que ouvi contar, tenho sobejas razões para as não acreditar. Ficará esse trabalho para quem se sentir mais bem informado.

O que posso dizer, é que infelizmente este nosso sport, tem sido sempre rodeado de misterios e milagres, que longe de o elevarem, não servem senão para o depauperar perante as pessoas de bom senso.

E' raro ouvir alguem fallar de jogo de páu, que não pretenda impingir um tio ou primo, e ás vezes o avô, que em qualquer terra da provincia, um dia fez frente a trinta homens, e desancou vinte e cinco ! !

Outros deitados no chão, jogam com quinze homens ao mesmo tempo, e são sempre laureados vencedores, etc.

Vem a talho de foice contar, a titulo de que se veja, a que ponto chega a toleima ou a sugestão, que n'um dia em que reuni n'um barracão, que em tempos tive em Campolide, sete mestres e alguns bons praticantes de jogo de páu, um d'esses mestres, minhoto, depois de jogar com diversos e de vêr jogar todos, pretendeu e jogou deitado, tendo simultaneamente todos os outros por adversarios.

Escusado será dizer, que o homem fez uma linda figura, e que ninguem lhe tocou com uma molecula de

páu. Mas tambem se deve dizer, em abono da verdade, que esse minhoto era individualmente inferior a qualquer dos outros, e que se jogassem com elle a valer, mesmo de pé não se aguentaria muito tempo, só com um adversario.

Mas o misterio e o segredo, que tão proverbial é ser detença dos mestres, tem realmente um tanto ou quanto de veracidade.

A isto me vou referir, com a maior sinceridade possível, porque não tenho a minima duvida de que esse segredo, que não passa do desejo e conveniencia de pouco ensinar, muito tem concorrido para a decadencia em que se encontra esta esgrima.

Pouco é preciso discorrer, para chegar á seguinte conclusão :

Um mestre n'uma dáda epoca ensina aos seus discipulos apenas parte do que sabe, os discipulos d'esse mestre quando mestres chegam a ser, fazem o mesmo; e sempre assim andando, de geração em geração, acabam por não fazer nada, ou peor ainda, porque pódem não diminuir na quantidade das cousas que fazem, mas enfraquecer muito na qualidade.

Não ha motivo nenhum razoavel, para que um mestre ou professor deixe de ensinar ou ensine mal os seus discipulos, a não ser a ignorancia do mister a que se dedica, o que será talvez um caso pouco vulgar.

E' em regra o receio, de que os discipulos com faculdades fisicas mais avultadas, possam vir a ser melhores jogadores do que os seus mestres.

E' essa uma fraca fórma de pensar, porque ninguem passou a si proprio mais infimo atestado, do que um mestre velho e falto de forças, no ultimo quartel da vida, quando joga, poder mangar com todos os seus discipulos.

Quem chega a um resultado tão brilhante, nunca ensinou mais do que aquilo que lhe convinha para conse-

guir esse fim, e certamente não estaria tanto á vontade, com um adversario decidido e sem nenhum ensino.

Ninguem é condemnado a ser professor de jogo de páu, o seu mister é ensinar discipulos, e o seu orgulho deve ser simplesmente fazel-os bons, para que o respeitem pelo seu merecimento e boa vontade em ensinar.

Se os professores de esgrima de florete e espada usassem d'este sistema egoista, os nossos esgrimistas nunca teriam progredido, como se tem visto em provas no estrangeiro, onde se reune gente de todo o mundo e especialisada.

O professor não precisa de ser jogador de combate, e quando o seja, contente-se com o poder sel-o, emquanto a edade e as faculdades fisicas se não opõem a isso. Velho e tolo é um grande mal; mas n'este caso prejudica gerações completas, e ajuda a enterrar um ramo de sport.

O professor de bom senso, que ensina e pratica com os seus discipulos tudo quanto sabe, vae adquirindo cada vez melhor pratica, tem occasião de discorrer e progredir, e conserva durante muito tempo as faculdades fisicas, ao passo que o egoista, não é bom nem para si nem para ninguem.

Felizmente teem sido raros os taes egoistas.

Melhor fôra, já que desconheço a parte bonita e romantica do jogo de páu, que não tivesse tido occasiões de sobejo para conhecer tão bem a sua historia na parte lamentavel.

Com quem aprendi

Cumpre-me em primeiro logar dizer que nunca inventei nada do que tenciono expor. Tudo aprendi com os meus mestres, que mais ou menos foram todos os jogadores

bons do meu tempo, tanto profissionaes como não profissionaes.

Nunca despresei lições de ninguem, nem mesmo de alguns, que em consciencia sabia serem-me inferiores.

Começando pelo principio, direi que menino e moço, tomei duas ou tres lições com o muito antigo professor do Real Gymnasio Club Portuguez, o sr. Pedro Augusto da Silva, mas nunca mais em tal pensei, até que um dia, ha talvez uns vinte e cinco annos, o então professor do mesmo Club, meu amigo e companheiro de diversas rapaziadas, Arthur dos Santos, não me recordo se após um almoço ou jantar, me disse:

Estás a engordar demais, não sei porque diabo não jogas o páu!!

Ao que lhe respondi: Não será com lições de dez minutos, que me impedirás de continuar engordando. Se queres que eu jogue o páu, ensina-me as quatro primeiras series do teu jogo, e vou fazer de teu contramestre; deixa o resto por minha conta... E assim succedeu.

Comecei a dár lições, e ao fim de pouco tempo, com a ajuda das lições, por favor mais longas, que o Arthur me dava no fim do curso, e com a minha excepcional vontade de trabalhar, adquiri pratica, que me permitia jogar com os melhores alumnos d'aquele tempo, sem receio d'um toque serio, porque dos pequenos não fazia caso.

Quando me julguei suficientemente ensinado do que se fazia no Real Gymnasio, conversei com o meu primeiro mestre e amigo Arthur dos Santos, sobre as minhas tenções de ir experimentar outros ares, e eis-me á procura d'outros, que algumas cousas mais me podessem ensinar.

Vi muito pouco antes de ir ao barracão do mestre Salreu, em diversos quintaes que visitei, e esse pouco que tive occasião de vêr, não me admirou, pois que era

jogo mais ou menos semelhante ao que primeiro tinha aprendido.

Mas veio um dia em que entrei no quintal do mestre Salreu, e da parte de fóra da janella do barracão estive vendo um assalto, como nunca julguei que podesse haver. Que energia de pancadas, que certeza nas defesas, que cousa tão linda, certa e movimentada, em que logo percebi, que ali nada se perdia no ar, e que o terreno era disputado com toda a consciencia.

Escusado será dizer, que logo que o assalto terminou, eu estava da parte de dentro do barracão, para vêr os outros assaltos ou lições que se seguiram, e no dia seguinte eu era mais um discipulo do mestre Salreu.

Os jogadores que eu tanto admirei, quando da minha entrada, eram:

O mestre José Dias, para mim sempre de saudosissima memoria, e o aprendiz n'essa epoca, mas mais tarde mestre, Domingos Varejão.

De José Dias (por alcunha o 95), antigo contra-mestre do mestre Salreu, como preito de gratidão á sua memoria, devo dizer, que soubre ser um grande mestre e jogador, foi um homem d'um caracter ultra honrado, generoso, activo trabalhador, e tão desinteressado para com os seus discipulos, que nunca deixou de bem os ensinar, mesmo quando não tinham dinheiro para lhe satisfazer a ridicula paga costumada, e era principalmente tão cheio de boa vontade no ensino, que punha tudo em pratos limpos, não lhes ocultando a mais insignificante parte do jogo.

Tal era o excesso do seu desejo de ensinar, que por vezes, mais tarde quando já eu era tambem mestre, lhe notava que estava ensinando cousas para as quaes o discipulo não tinha ainda preparação, elle me respondia:

Ensine você os seus como entender, porque os meus teem pouco dinheiro para gastar, mas olhe que os meus

são tão bem conhecidos em toda a parte, que quem se chegar para elles, tem de saber o que faz.

Pois este meu mestre e amigo, a quem tanto e tanto devo do pouco que sei do jogo, foi um dos discipulos prediletos do grande mestre Domingos Salreu, que tambem me deu (conforme os bilhetes de lições atestam) nada menos de meia grosa de lições, e isso ao principio, porque depois joguei inumeras vezes em sua casa, tanto com elle, como com todos os outros aprendizes, sem nada pagar.

Passavam-se os domingos inteirinhos em continuos assaltos, e lições aos condiscipulos menos adeantados.

Mas, conheci, tomei lições e joguei com outros mestres.

Não me referirei a todos, não porque não fossem bons, mas porque não definem especialidades notaveis de jogo, sendo na sua maioria, discipulos d'aquelles que apresento n'esta minha modesta exposição.

Mestre Baptista Abelheira, grande jogador, homem forte, mas de estatura regular, corajoso e elegante a jogar, era o tipo verdadeiro do jogador de praça.

O seu jogo era sem duvida bom, muito movimentado e activo, mas sistema antigo, chamado de olho e pé. Na fórma era semelhante ao que vi sempre fazer ao velho professor do Real Gymnasio Club Portuguez, o sr. Pedro Augusto da Silva.

O mestre Pereira das Taipas, que jogou muitos annos n'um quintal da Rua das Taipas, tambem foi um jogador de grandes recursos, e um dos que teve de suportar maior numero de ataques. Homem muito modesto, alto, rijo, destemido, fazia um jogo pouco vistoso e pouco variado, mas de completa certeza em defesas e ataques. Não farei menção especial do jogo d'este homem, porque faz parte do que aprendi com os mestres Salreu e José Dias.

Já disse do meu mestre José Dias o que tinha a dizer,

menos que cultivou excepcionalmente o sistema dos córtes e recortes, como talvez mesmo o seu mestre Salreu não tivesse feito nos seus tempos aureos, mas não posso tambem deixar de dizer, que Domingos Valente de Couras Salreu foi o jogador da elite, o homem mais completo, com mais vastos conhecimentos, sabendo-se cobrir como ninguem, cortando só quando era oportuno, e sabendo fazer brilhar o seu adversario, quando isso lhe convinha ou apetecia. Nunca ninguem deixou de ficar satisfeito, quando acabasse de jogar com o mestre Salreu, mas posso afiançar que exceptuando alguns seus discipulos adiantados, ninguem percebia do que elle poderia fazer, se fosse um jogador vaidoso.

Salreu que ainda vive, e vivo será por muitos annos, sendo como de facto é, um homem inteligente, explicava muito claramente, quando entendia o discipulo merecer-lhe essa honra, e eu tenho bastas razões para lhe ser grato.

N'este meu trabalho tentarei transmittir ao papel o que aprendi em conjunto com os meus principaes mestres, adaptando mas não especializando.

Referirei pois o jogo que aprendi no Real Gymnasio Club Portuguez com o meu amigo e primeiro mestre Arthur dos Santos, e o que tambem aprendi com os outros meus mestres e amigos Domingos Valente de Couras Salreu e o falecido José Dias.

O jogo de páu nos quintaes em Lisboa

Longe de ser o que muita gente da nossa burguesia supunha, não era frequentado por desordeiros, nem por creaturas de especie pouco recomendavel.

Homens de trabalho, na sua maioria provincianos de Traz-os-Montes, Minho e outras provincias chegadas ao norte, tinham um gosto especial por este exercicio, que mais ou menos era praticado com admiração, nas terras das suas naturalidades.

E' bom que se note, para bem da verdade, que em todos os quintaes, que mais ou menos frequentei, nunca assisti a scenas desagradaveis, e que pouquissimos poderão ter sido os incidentes d'essa ordem, que tivessem tido logar em quaesquer ocasiões.

Todos respeitavam o proximo, porque ninguem dispensava de ser respeitado, e relativamente a graças e brincadeiras, era cousa que não existia.

Ao mestre ninguem convidava para jogar, nem estranho nem da casa. Pedia-se-lhe sempre o favor d'uma lição.

E ao mestre competia tambem determinar, quaes os condiscipulos que iam depois exercitar-se, dirigindo-se sempre ao mais adeantado, para que désse uma lição ao mais atrazado, fazendo as vezes de mestre, e tendo por restricta obrigação ser sempre correcto e delicado.

Estas lições entre condiscipulos, eram tão tomadas a serio, que muitas vezes o mestre recebia a pága, como se a lição tivesse sido dáda por elle proprio.

O pedido de lição era simples formalidade, pois não impedia, que quem tivesse preparação suficiente jogasse a valer com o proprio mestre.

Outra cousa para notar, era o desejo de aprender, bem frisante n'essa gente.

Empregavam sempre o melhor da sua attenção, para a explicação que recebiam, aprendendo muito mais depressa do que os nossos burguesitos, porque apreciavam o ensino, e sabiam dár o devido valor ao sacrificio que faziam para o pagar.

E' facil de compreender, que um homem que ás vezes não ganhava mais do que quatrocentos réis por

dia, a arrancar pedra n'uma pedreira, ou quinhentos ou seiscentos réis diarios em qualquer outro mister exte-nuante, não ia pagar ao mestre por snobismo.

Resalvando as raras e honrosas excepções, póde di-zer-se, que os aprendizes dos mestres de páu dos quin-taes, em gosto e deligencia para aprender, estavam para com os discipulos burgueses, assim como os estudantes filhos de paes pobres, em regra estão para com os estu-dantes filhos de paes ricos. Aquelles passam com uma mesada miseravel, estudam por livros emprestados, são explicadores dos filhos dos ricos, e no fim do ano lec-tivo vão a exame, e são classificados com distincção.

Os outros têem uma caterva de livros, de mappas, aparelhos, etc., não lhes chegam os professores e têem durante o anno explicadores, mas só conseguem ir a exame na segunda epoca, e ainda assim, apezar de cho-verem os empenhos, passam pela tangente.

Os alumnos dos cursos dos clubs (respeitando sempre as honrosas excepções), que nada pagam, aparecem meia duzia de vezes, se tanto, e vão ali passar um bocadinho como se fosse no animatografo, sem uma sombra do capricho, que se observa nos homens da tal classe cha-mada baixa, quando se resolvem a aprender qualquer cousa. Assim nada se consegue, por melhores e mais diligentes que possam ser os professores.

Comtudo mui grato me é recordar, que tambem tive discipulos diligentissimos e madrugadores, dos quaes mo-rando alguns n'aquelle tempo no bairro do Calvario, ás seis horas da manhã em ponto, já estavam em Campo-lide, sem o auxilio dos carros electricos, que estavam ainda por nascer em Lisboa.

Tenho pena de me não recordar dos nomes de todos d'esse tempo, e não poder fazer justiça completa aos madrugadores, apontando apenas os nomes dos hoje meus velhos e queridos amigos, Antonio Couto (arquitecto) Sil-vestre da Silva (professor da Casa Pia) João Burnet

Galrão (guarda-livros) e Antonio Jalles (antigo empregado no Monte-Pio Geral).

Que me desculpem aquelles que se sentirem atingidos, porque como homem já velho, pae e avô, e a quem a consciencia morde, dizendo-lhe que relativamente a estudos, procedeu como se fosse filho de ricos, mas que bastante trabalhou n'este ramo de sport, posso talvez expressar-me assim, tanto mais que nada mais pretendo, do que tornar-me ainda um pouco util, aos que se dedicam a este tão lindo desporto portuguez.

Qualidades do professor e discipulo

O professor necessita de ser um homem regularmente forte, mas muito principalmente de temperamento suave, para não incutir nos discipulos habitos de excessos, que são sobejamente prejudiciaes a quem os tem, e pódem sel-o até involuntariamente para com os condiscipulos.

Não é cousa indispensavel para um bom professor, ser tambem um bom jogador.

Ao professor basta conhecer bem o que está ensinando, ser metodico no progresso do ensino, e analisar bem as deficiencias e erros do discipulo, para bem o ensinar. Para exercer bem o seu mister, póde dispensar qualidades inerentes ao jogador, como sejam, uma certa coragem, uma intuição instantanea do que tem a fazer nas multiplas variedades das fases do jogo, em que prepara e parece advinhar o que o adversario vae fazer, para d'isso tirar partido, fazendo muitas vezes cousas contra todas as boas regras que aprendeu, quando tem

por fim fazer brilhar um pouco o seu adversario, n'um jogo de conjunto regular.

Para discipulo todo e qualquer serve, contanto que tenha assiduidade e perseverança, visto que no jogo de páu, como em todos os outros sports, nada se consegue sem muito trabalho.

Falta dizer que *o mestre,* parece ser entidade que já acabou.

Estou crente de que já se não joga o páu nos quintaes, e só ahi é que poderia ser preciso para estimulo dos aprendises, que o mestre fosse um jogador, sempre pronto a salvar a honra do convento.

Assim como mudam os tempos, tambem devem mudar os costumes.

Na minha modesta opinião, entendo que um bom professor se deve preocupar muito pouco, com ser jogador de combate, e deixar essas glorias para os seus melhores discipulos. Em caso contrario, iremos fatalmente cair, mais tarde ou mais cedo, nas taes deficiencias de ensino já referidas.

Qualidades do páu

O páu para jogar não deve ser excessivamente pesado, mas deve ser resistente.

Os mais usados são os de castanho e os de lodão.

O comprimento deve ser o da altura da boca do jogador, quando de pé, mas nunca muito mais comprido, a fim de evitar o tocar no chão, quando se volteia para fazer o rebate.

O páu não deve ser cabeçudo, isto é, não deve ser muito mais grosso n'uma extremidade do que na outra, porque se torna mais dificil de manejar.

Entretanto devemo-nos habituar a páus defeituosos, quando já tenhâmos pratica.

Ha quem prefira páus de marmelo, de carvalho, de carrasco, de sobro, etc., o que não deixa de ser um excesso como qualquer outro.

Maneira de empunhar o páu

Comquanto tivesse visto alguns optimos mestres empunhar o páu pelo lado mais grosso, a minha humilde opinião é a seguinte:

Deve ser empunhado pelo lado mais fino, para bater com o lado mais grosso, e por consequencia, tambem aparar as pancadas do adversario com o lado mais grosso.

E' um dever rudimentar em qualquer esgrima, o saber poupar a arma, e jogando com o fino do páu para fóra, bem pódem chover páus, se os discipulos forem um pouco alentados.

Não ha outra razão fundamentada, para que se jogue de ponta, que não seja a santa preguiça.

Do recinto

Joga-se perfeitamente onde haja uma superficie plana de seis metros por oito, ou mesmo um pouco menos.

No final da aprendizagem, (quando não possa ser desde o principio) é conveniente ao discipulo, habituar-se a jogar em um recinto apertado.

O chão de terra calcada é o melhor que póde haver, mas á falta de tão bom, serve perfeitamente o sobrado, que exige mais cautela para não escorregar com frequencia.

Das lições

Não ha necessidade nenhuma de um professor se esfalfar e dár dez, doze ou vinte lições seguidas, como sucedia n'outros tempos, com muita frequencia.

Mas ha completa necessidade, de que o professor, emquanto está dando lições com o páu na mão, seja um perfeito exemplar d'aquillo que exige que o discipulo faça; isto é:

Deve estar sempre com o seu passo bem aberto, fazer os ataques bem compridos e as defezas perfeitas e completas, e portanto não estár de pésinhos juntos e pernas estendidas, porque os discipulos instintivamente copiam os habitos do mestre.

Póde-se e deve-se fazer uma cousa, em que o professor se não fatiga tanto, e os discipulos muito mais aproveitam. São as lições em conjunto, mas apenas de dois discipulos de cada vez. Teem ellas muitas vantagens.

O professor que ensina e corrige dois discipulos de cada vez, não tem ocasião de deixar passar faltas que passariam jogando com elle, e faz com que os discipulos logo de principio, atendam muito melhor á noção da distancia.

Logo de principio se póde começar com este sistema, sem o minimo perigo para quem aprende (se o professor estiver bem á altura do cargo que desempenha).

Não tenho a menór duvida, de que por este sistema,

se consegue d'entre os discipulos muito maior numero de jogadores, e em muito menos tempo, do que tomando sempre as lições com o mestre.

Guardas de espera

Chamam-se guardas de espera, a quaesquer posições, em que nada mais se faz, do que esperar jogo, mas em que se deve estár preparado, não só, para d'ahi poderem partir todas as pancadas, mas tambem para d'ahi poderem nascer todas as guardas.

Guarda de espera direita — Foto. n.º 1

Ambos os adversarios com a perna esquerda á frente, e a direita á retaguarda; braços nas mesmas posições, passo bem aberto, mas não tanto como quando se cae a fundo, o páu empunhado ás mãos ambas; o braço direito estendido e o esquerdo ligeiramente curvo; ponta do páu á altura dos olhos do adversario, ou um pouco superior, sem atravessar muito o páu, mas de modo que veja sempre o adversario por baixo do dito páu.

Como já disse, não é por estár o páu nas condições descritas, que livra o seu detentor de cousa alguma. As guardas de pancadas são cousa muito diversa, e que adiante verêmos.

A guarda referida, tem relação com os sarilhos de baixo, de cima, e traçado de cima.

Foto, n.º 1 — **Guarda de espera direita**

Guarda de espera

esquerda — Foto. n.º 2

E' em tudo como a anterior, só com a diferença de ter a perna e braço direito á frente, e a perna e o braço esquerdo á retaguarda.

Esta guarda tambem tem relação, com os tres sarilhos retro referidos, tendo a notar, que no sarilho traçado de cima, é só para quando é feito trocando as mãos (isto é, não lhe diz respeito quando feito com as mãos sobrepostas).

Guarda de espera

esquerda — Foto. n.º 3

Esta guarda é nascida do sarilho traçado de cima, quando ao entrar na guarda esquerda, se começa a sobrepôr as mãos.

Guarda de espera

esquerda — Foto. n.º 4

Esta guarda é nascida do sarilho de baixo, quando o páu fica para traz.

Esta guarda de espera é uma das mais usadas.

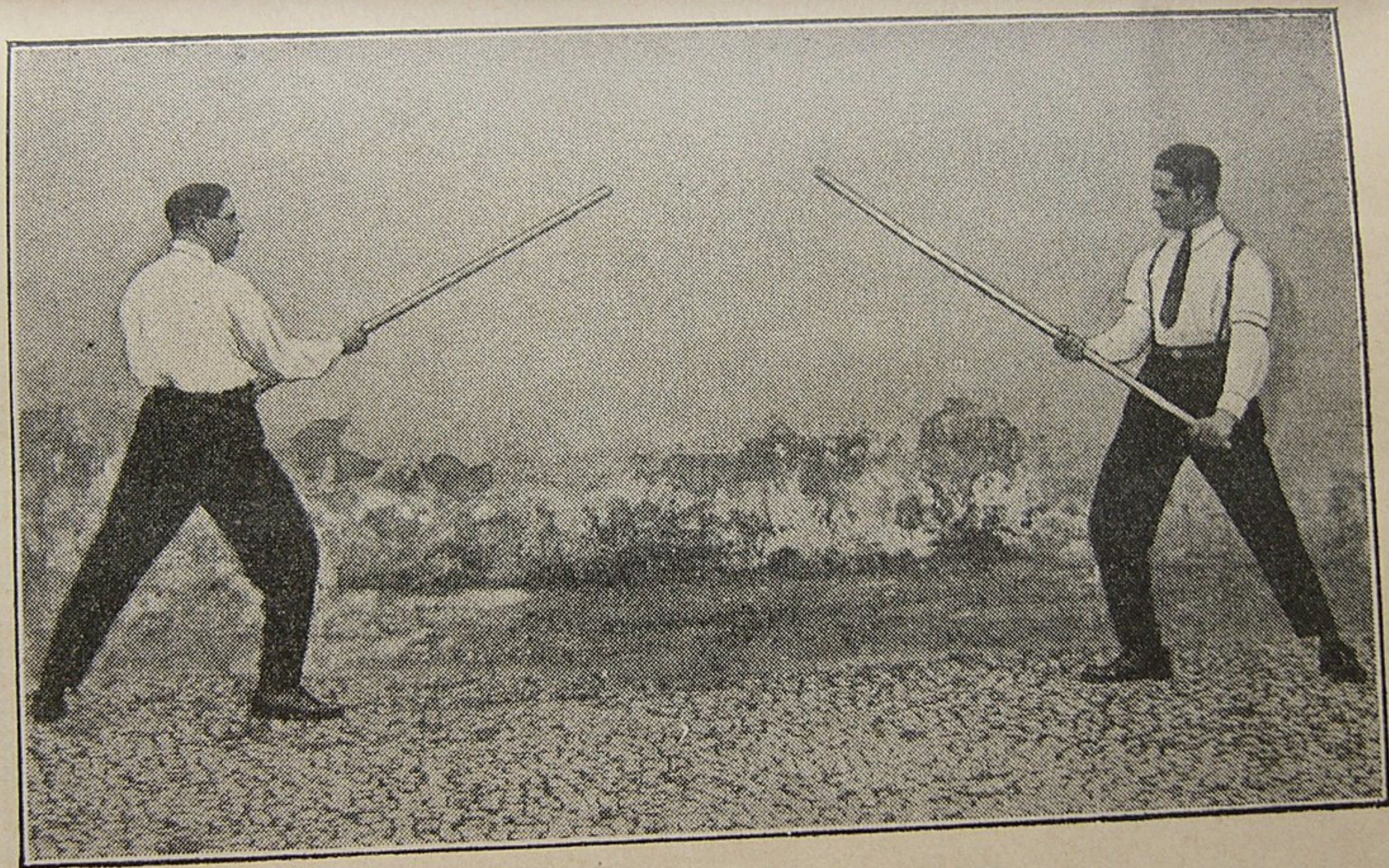



Foto. n.º 2 — **Guarda de espera esquerda**

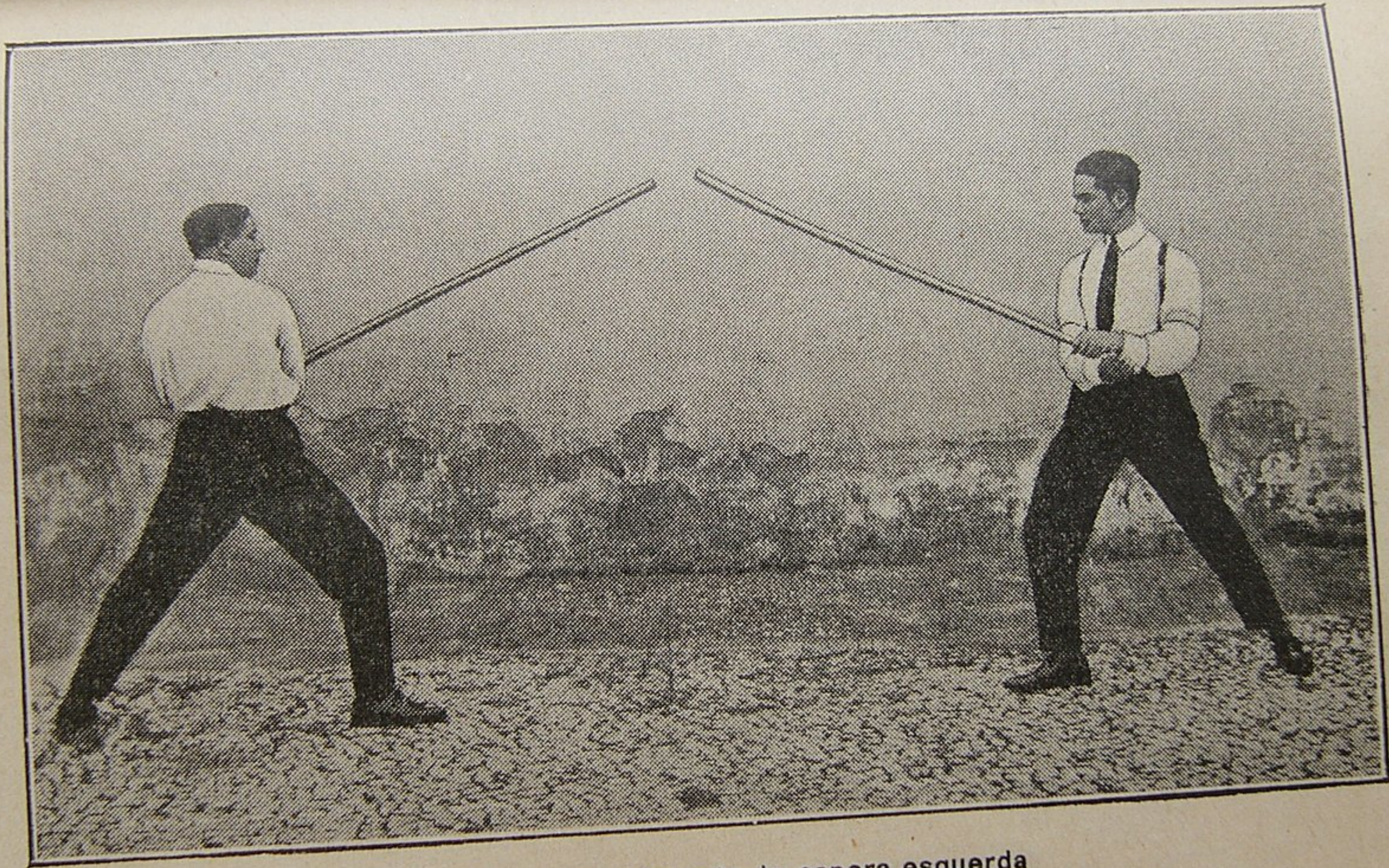



Foto. n.º 3 — **Guarda de espera esquerda**

Foto. n.º 4 — **Guarda de espera esquerda**

Guarda de espera direita — Foto. n.º 5

Perfeitamente identica á anterior, mas com a diferença de ser feita com a perna esquerda á frente, a direita á retaguarda, e o páu lançado para traz pelo lado direito, em vez de ser pelo lado esquerdo.

Esta guarda nasce egualmente do sarilho de baixo, quando o páu é lançado para traz.

Tem esta guarda de espera pouco uso, porque quem d'ella usa, tem de estár habituado ao sistema, não muito vulgar de estár trocando as mãos emquanto se joga.

Comtudo, para exercicio não tem senão vantagens, e quem a tal se habitue, ganhará pratica e segurança.

Guarda de espera esquerda — Foto. n.º 6

O páu empunhado só na mão direita, com o braço direito curvo, a perna direita á frente e a esquerda á retaguarda, em posição semelhante á do sarilho traçado de cima, quando se larga a mão esquerda volteando o páu.

Foto. n.º 5 — **Guarda de espera direita**

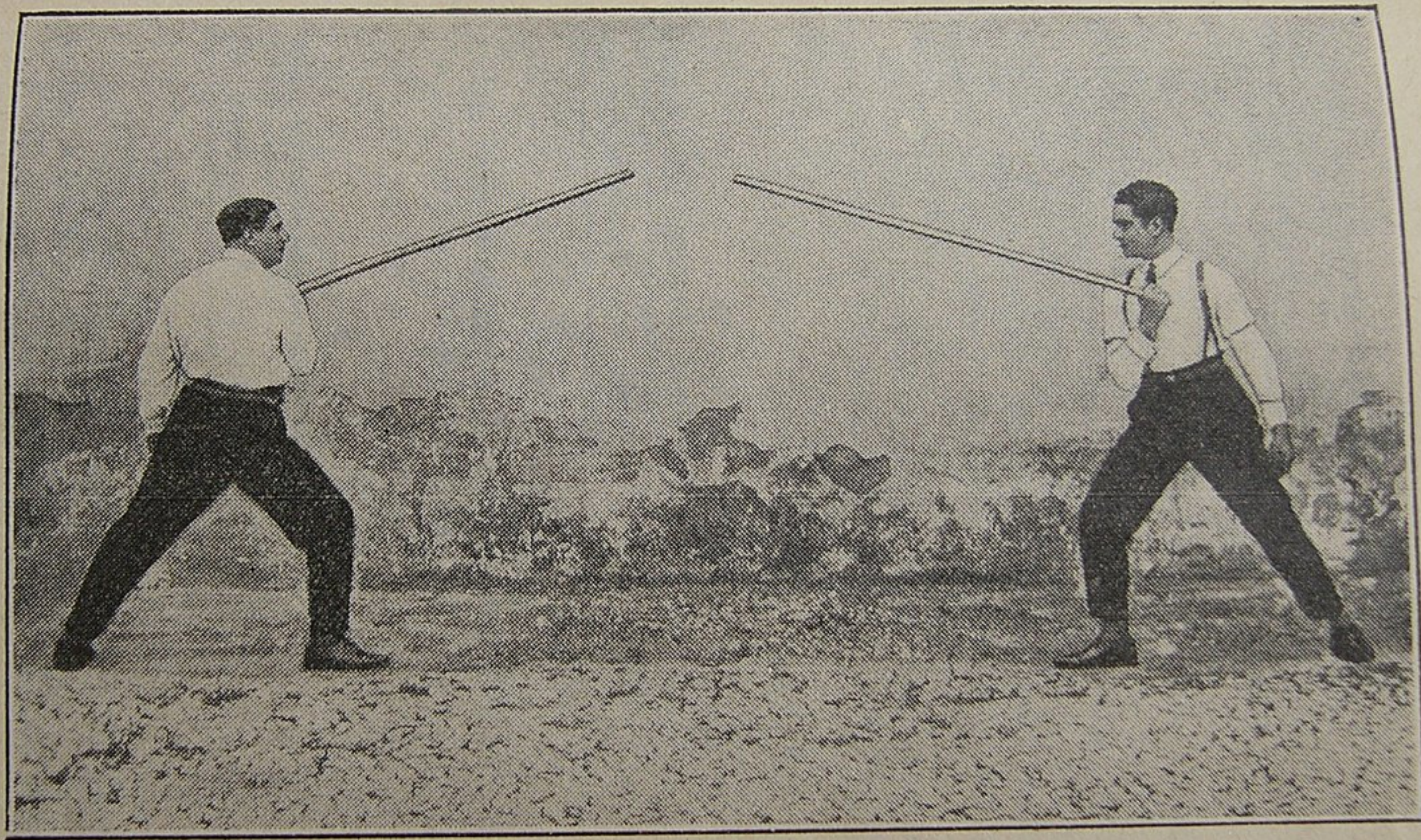



Foto. n.º 6 — **Guarda de espera esquerda**

Guarda de espera baixa e direita – Foto. n.º 7

E' esta uma posição em que o páu passa no sarilho de baixo, fazendo uma guarda imperfeita da perna.

Perna esquerda á frente, a direita á retaguarda, o ante-braço direito curvado á altura da cabeça, por fórma a vêr o adversario por baixo do pulso, mão esquerda pegando no páu pelo meio, com o braço curvo e o pulso virado para cima.

Esta guarda de espera, é boa como qualquer outra, mas não vejo razão para a preferencia que alguns lhe davam.

Guarda de espera, baixa, esquerda – Foto. n.º 8

Em tudo semelhante á antecedente, mas com a posição dos braços e pernas trocadas.

Mais algumas guardas de espera – Foto. n.º 9

Páu atraz das costas. Indiferentemente qualquer das pernas á frente.

Com pancadas feitas por dentro, ou por baixo ou

Foto. n.º 7 — **Guarda de espera baixa e direita**

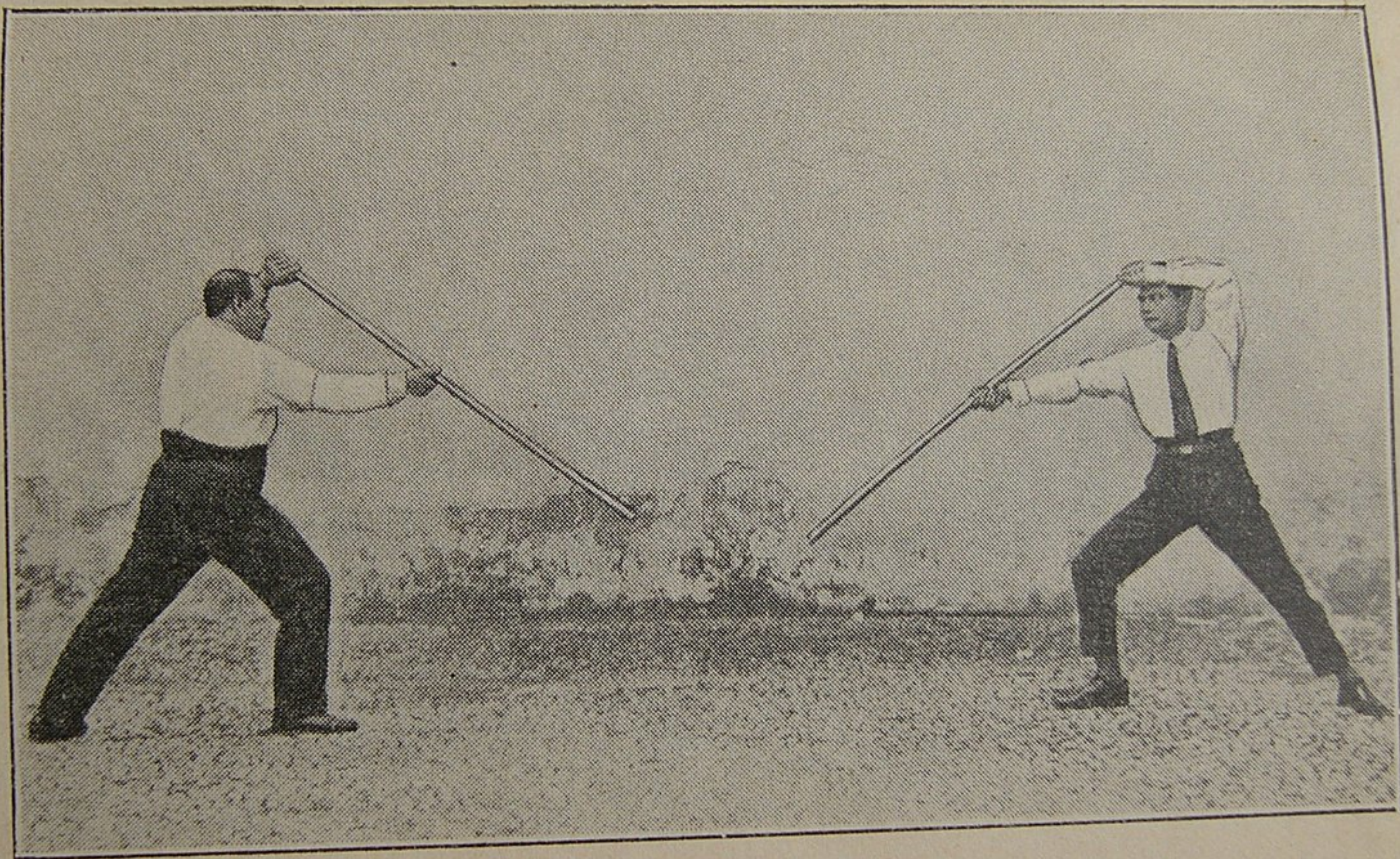



Foto n.º 8 — Guarda de espera, baixa, esquerda

Foto. n.º 9 — Maís algumas guardas de espera

arrepiadas, e não tendo sido tomadas pelo adversario, torna-se geitoso ir a esta guarda de espera, d'onde nascem facilmente todas as guardas de pancadas, e tambem todas as pancadas.

Guarda semelhante se costuma fazer, tambem com o páu atraz das costas, e pelo mesmo lado direito, empunhando ás mãos ambas, com ellas juntas e sobrepóstas.

Esta posição não completamente academica, nasce facilmente, quando se varre energicamente uma pontuada ou rebate, seguindo o nosso páu o movimento de que ia animado.

O outro adversario que a fotografia apresenta, está n'uma guarda de espera um pouco pretenciosa, com o páu deitado horisontalmente sobre a perna, que indiferentemente, póde ser qualquer á frente.

Ha ainda quem augmente a sua tola pretenção, colocando o joelho de traz em terra, mas isso deve ser por ignorancia em materia de guardas e pancadas bem apontadas.

Das diversas pancadas — O rebate

Nasce, como todas as outras pancadas, de qualquer guarda de espera, ou depois de termos feito qualquer guarda de pancada, como resposta.

O páu descreve uma circunferencia (para facilitar o movimento e ter mais alcance só com a mão direita) começando por deixar cahir a ponta do páu para baixo, flexionando gradualmente o antebraço sobre o braço, por fórma a que o pulso fique proximo do ombro, e continuando o movimento de rotação, vae-se estendendo gra-

dualmente o braço, logo que o páu passa a vertical, apontado não por completo perpendicularmente á cabeça do adversario, mas com uma ligeira inclinação sobre o seu lado direito, por fórma que alveje cabeça, mãos, perna e pé esquerdo.

Fica dito n'esta pancada, e entendido para todas as outras, que vulgarmente se deve alongar a perna da frente, como quem cae a fundo, para melhor atingir o alvo.

Quando se trata de ceder terreno ao adversario, faz-se o contrario, isto é, não se alonga a perna da frente para a frente, mas sim estende-se quanto possivel, a perna de traz para traz, e assim melhor preparamos a defesa da resposta.

Ha quem faça cousa semelhante, com pequenos pulos para traz, simultaneos ás pancadas.

Ponta, pontuada ou estocada

Nasce, como se acaba de dizer, para todos os outros golpes de ataque.

Despede-se apontada ao peito, á cara, ás mãos, por qualquer lado do páu do adversario (caso o páu esteja á frente) contanto que sejam partes altas do corpo as alvejadas.

As pontas baixas são perigosas para quem as faz, a ponto de não se deverem fazer.

A ponta é um belo golpe, mas é como todos os outros. Não tem as virtudes especiaes, que alguns lhe querem atribuir. Precisa de ser bem feito e a tempo.

Qualquer simples rebate, ou qualquer outra pancada a

córta, e até mesmo uma ponta se corta muito facilmente com outra ponta, sendo mesmo facil defendel'a com a mão esquerda, e sacár o páu da mão do adversario n'essa ocasião.

Pancada ao artelho por fóra

Chamarei pancadas por fóra, as que alvejam pelo lado direito de quem as faz.

Serão portanto pancadas por dentro, as que alvejam pelo lado esquerdo de quem as faz.

Esta ao artelho por fóra, nasce, por exemplo da guarda de espera direita, passando o páu por cima da cabeça e ombro esquerdo de quem a faz, segue o movimento de rotação pelo lado direito, procurando alvejar o artelho do adversario.

(Se o adversario está em posição identica, é-lhe alvejado o artelho esquerdo, pelo seu lado esquerdo).

Não tocando no alvo, nem sendo tomada a pancada, segue o páu o seu percurso até se encontrar com a mão esquerda, que se acha pendida para o lado e para traz.

Pancada ao artelho por dentro

Como regra geral póde-se dizer, que todas as pancadas nascem pelo lado contrario d'aquele em que pretendem atingir o alvo.

Portanto esta que pretende atingir o artelho do adversario pelo seu lado direito, nasce, se nos referirmos á mesma guarda de espera direita da Foto n.º 1, deixando descair a ponta do páu, para depois o voltear, como se fosse para o rebate, pelo lado direito de quem a faz, para depois seguir apontada pelo lado contrario, ao artelho do adversario.

Esta pancada póde-se fazer redonda, isto é, descrevendo uma circunferencia mais ou menos paralela com o chão, o que a torna mais bonita e visivel, ou ser enviusada, isto é, levar uma direção em que fórme um angulo agudo com a vertical.

No primeiro caso, e não sendo tomada, o páu segue o movimento de que vae animado, por fórma a seguir-se-lhe um rebate.

No segundo caso, não sendo tambem tomada a pancada, torna-se invulgar fazer o rebate, visto que o páu trava com o choque de encontre ao chão.

E assim, ou se aproveita a elasticidade do páu, em consequencia do choque para vir á guarda, ou puxando rapidamente o páu e o pulso ao ombro, se faz em seguida o rebate.

Outras pancadas por dentro e por fóra

Referindo-me por emquanto sempre á mesma guarda de espera da Foto. n.º 1, direi que outras pancadas pódem ser feitas, tanto por dentro como por fóra, com a diferença da altura da parte do corpo alvejada, mas temos ainda a distinguir as diversas direções distintas, que essas pancadas pódem ter, e que são para considerar, tanto no

principio como no final de cada pancada, e nos seus efeitos provaveis.

As mais simples e vistosas, são as pancadas redondas, isto é, as que descrevem uma linha mais ou menos paralela com o chão na sua parte final.

Seguem-se as arrepiadas, das quaes se póde dizer, um pouco imperfeitamente, que nascem e terminam pelo mesmo lado, alvejando o adversario de baixo para cima, e que possivelmente não são de efeitos muito violentos, quando cheguem a tocar no alvo.

Estas pancadas ao contrario de todas as outras, nascem começando por levantar o páu, para depois o baixar, e d'ahi seguir a sua trajectoria, procurando o alvo de baixo para cima. São pouco auxiliadas pelos efeitos da gravidade.

Restam as pancadas enviusadas, das quaes as por dentro, são mais ou menos semelhantes aos rebates.

As pancadas enviusadas por fóra, nascem fazendo baixar a ponta do páu, pelo lado esquerdo de quem as faz, curvando por completo o braço, e ficando o pulso como que por cima da cabeça, para impulsionar o páu que segue o movimento de rotação, para alvejar pelo nosso lado direito, em um angulo mais ou menos agudo com a vertical. E assim se alveja o adversario, pelo seu lado esquerdo desde a cabeça até ao artelho.

Estas pancadas são as mais duras, mas em compensação, para elas existe maior numero de defesas.

Ao tratarmos das diferentes guardas das pancadas, melhor se poderá fazer compreender, o que se pretende aqui dizer.

Todas as pancadas acima descritas, pódem nascer de qualquer posição de guarda de espera, assim como todas elas nascem indistintamente das guardas das pancadas, que possâmos ter de tomar ao adversario.

Pancadas nascidas de retaguarda ou vira costas

Estas pancadas a que vulgarmente chamam retaguardas, são pancadas despedidas só com a mão direita, depois de passado o vira-costas.

Dificil é, n'esta altura fazer as explicações precisas, mas direi que o vira costas consiste em passar da posição da Foto. n.º 1 para a posição da Foto. n.º 4, rodando sobre o pé esquerdo e sobre a esquerda se é avançado, e rodando sobre o pé direito e sobre a direita se é saido.

Depois de assim nos encontrarmos na posição da Foto. n.º 4, é que se descarrega a pancada chamada de retaguarda, por cima ou por baixo, redondas, arrepiadas ou enviusadas (e algumas vezes as pontuadas).

Comquanto estas pancadas possam ser despedidas, sem que seja indispensavel ter-se tomado anteriormente outra pancada do adversario, é vulgar serem feitas em resposta a um rebate, quando tomado com o pé esquerdo á frente.

Porém as retaguardas poderão ser despedidas, não só como resposta ao rebate, mas tambem da ponta, das pancadas por dentro altas ou baixas, e até mesmo das pancadas altas por fóra, quando se lhe façam guardas convenientes, tanto recuadas como saidas, e algumas ainda lateraes e avançadas.

Estas pancadas de retaguarda, não só podem ser avançadas ou saidas, mas tambem se lhes gradua o alcance tanto na entrada como na saida.

As guardas saidas pela direita, (a que mais adiante me refirirei) chamam-se vulgarmente retaguardas saidas e servem tambem de defesas, como se vê na foto. N.º 28, em que se está defendendo com uma retaguarda saida,

uma retaguarda entrada descarregada, e como tambem mostra a foto. N.º 29, em que uma retaguarda saida faz a guarda a uma pancada arrepiada por dentro, nascida da guarda de espera n.º 6 ou n.º 4.

A foto. N.º 30 mostra a guarda saida pela esquerda, á retaguarda descarregada por cima.

Nas retaguardas descarregadas por baixo, é conveniente fazer-lhe a guarda como se fossem descarregadas por cima, e não pretender tomal-as no páu, porque um engano poderia ser coisa muito seria, com pancada tão comprida, violenta e em que o adversario só com muita pratica vê o que faz.

É pancada tambem pouco prudente de pretender cortar.

Elementos para o jogo de páu

Para ter conhecimentos completos de jogo de páu, é preciso conhecer as pancadas já mencionadas, as guardas de espera, as guardas das pancadas tanto recuadas como saidas, e ainda as lateraes e avançadas, os córtes saidos, os córtes em que se volta a alvejar no sitio em que se foi alvejado, os córtes meio entrados, os completamente entrados, os antecipados, todos eles de frente ou lateraes, destinguir ameaços de pancadas descarregadas, distinguir córtes a coberto e a descoberto, saber recortar e saber cobrir-se a córtes e recórtes.

Passarei a tratar da parte mais importante em jogo de páu, isto é, as guardas das pancadas, que aliás são as mesmas para os córtes, mas antes d'isso tenho de me referir a um assumpto não menos importante, que classificarei, de noção da distancia.

Noção da distancia

A noção da distancia é intuitiva, e é cousa que o jogador pratico atinge de momento, e de que se sabe aproveitar, mesmo quando tenha um adeversario com grande alcance.

Dois adversarios, cujo alcance seja aproximadamente o mesmo, estão em boa medida, quando referindo-nos por exemplo á posição da foto. N.º 1, caindo um d'eles a fundo, com o passo completamente aberto e o braço direito estendido para a frente, apenas toque com a extremidade do páu o ombro do adversario (veja foto. N.º 31).

Referindo-me á mesma posição da foto. N.º 1, é preciso tambem, para estár em bôa medida, que o passo esteja tão suficientemente aberto, que avançando um dos adversarios um passo, com uma pancada redonda a roçar pelo chão, o outro tendo saido um passo, para a retaguarda, não seja tocado na ponta do pé que fica á frente, embora o páu passe muito proximo. (Veja foto. N.º 32).

Em todas as outras guardas de espera se pódem fazer experiencias semelhantes, bem entendido n'aquelas em que o páu está empunhado com a mão direita.

Para adversarios de alcance muito diverso, o mais curto não só tem de atender muito bem ao que ficou dito, com relação á fórma de pôr em pratica a noção da distancia nas guardas de espera, mas tem de observar melhor ainda, o que a respeito da dita noção de distancia, se diz nas guardas de pancadas.

Não devem descontentar-se as pessoas de baixa estatura, porque se é verdade terem menos alcance, tambem é uma grande verdade, que têem muito mais facilidade em se estender, e em fugir ao alcance do adversario, quando voltam á guarda para se cobrir, ou quando saem á pancada para cortar, etc..

As pessoas de baixa estatura, quando regularmente fortes, são sempre muito mais independentes nos movimentos do seu corpo, do que aqueles que têem a lutar com o seu avultado peso.

Das guardas de pancadas em geral

Vamos começar com o assunto mais importante do jogo de páu.

Não me cançarei de repetir, que o saber guardar-se é o principal.

Bater toda a gente sabe, ou melhor ou peor, mas a defesa bem feita é mais raro, tanto que poucos tem havido, que saibam conter em respeito o adversario, sem precisar ser violentos nos ataques.

Ninguem póde ser generoso a jogar, sem se sentir muito confiado nas suas defesas.

O homem que se cobre absolutamente bem, é sempre bom jogador em toda a parte, mesmo que desconheça a maneira de cortar.

Ninguem deve sonhar em começar a aprender córtes, sem primeiro e durante muito tempo ter praticado em jogo coberto, sob pena de nunca chegar a ser perfeito e oportuno. Os seus córtes servir-lhe-hão para ir perdendo terreno, que não sabe com boas guardas reconquistar, e não tem que censurar o adversario, se não fôr benevolo para com ele, visto que se dispensou de se guardar, para fazer ataques simultaneos.

Em todas as guardas de pancadas se tem de atender á noção da distancia, por tal fórma, que como regra

que nunca falha, e que não admite nenhuma excepção, poderei dizer:

Nenhuma guarda presta para nada, quando feita *conservando o corpo no mesmo sitio em que foi alvejado.* É escusado meter o páu com todo o engenho que se queira imaginar, que se ha de ser tocado, se o adversario souber apontar as suas pancadas. Claro está, que me refiro a adversarios que sabem procurar o corpo, que não teem gosto especial em bater no páu, e que sabem bem vêr onde está a descoberta.

As guardas mal feitas, em que se não atende á noção da distancia, originam toques, quando as pancadas são bem feitas e simples, sendo além d'isso uma verdadeira goloseima, para os amadores das fintas e enganos.

Com as guardas bem feitas não ha enganos possiveis.

Para retirar o corpo do sitio alvejado, ha duas escolas diversas, que vou explicar.

Primeiro o mais usual e antigo, em que o corpo se conserva sempre na posição da fotografia n.º 1, isto é, com a perna esquerda á frente:

Recua-se (sem fazer passos) de pulo sobre as duas pernas, ou então recolhendo um pouco a perna esquerda, para em seguida poder estender mais para traz a perna direita.

No segundo sistema, é feito com um simples passo á retaguarda.

Relativamente ao primeiro sistema, que disse antigo, mas que não deixa por isso de ser optimo, e imprescindivel de se saber, para quem quer ser um jogador completo (e por onde todos os mestres devem começar a ensinar), apenas exemplificarei com o rebate, que será a primeira guarda recuada a exemplificar.

O trabalho das pernas é sempre o mesmo já dito, e quanto ao trabalho de braços e colocação do páu, vê-se perfeitamente para todas as outras guardas de pancadas, nas exposições das respectivas guardas saidas.

Fica-se portanto distinguindo guardas recuadas, de guardas saidas.

Recuada é pois aquela guarda, em que no momento de se ser alvejado, se procura recuar o corpo, recuando primeiro o pé da frente (aproximando-o do de traz), e em acto continuo o pé de traz. Ou, esse mesmo trabalho é simplificado, com um pulo para traz. É bom praticar em ambas as cousas.

Saida é aquela guarda, em que a perna que está á frente, no momento de sermos alvejados, passa para a retaguarda da outra.

Falta agora dizer qualquer cousa com relação ao encontro do nosso páu com o do adversario, quando pretendemos defender qualquer pancada.

Ha duas maneiras de agir:

1.º Varrer as pancadas.—A isso se chama, levar ou conduzir o nosso páu, empunhado ás mãos ambas, como que a fazer uma outra pancada, em sentido totalmente inverso d'aquella que nos pretende atingir, e que desvia a pancada do adversario na ocasião em que ela passa pela linha do sitio alvejado.

É este sistema sem duvida bonito e vistoso, mas para mim não oferece as vantagens, que sempre observei no sistema de tomar fixe as pancadas, e por isso só d'este ultimo tratarei, com a minuciosidade de que fôr capaz.

O sistema de varrer pancadas, presta-se imenso aos enganos e ás fintas, e é proveitoso só no tal jogo chamado de olho e pé.

2.º Tomar fixe as pancadas.—Não é muito facil descrever o geito especial, com que se deve tomar fixe qualquer pancada, comtudo direi, que o nosso páu empunhado com ambas as mãos, e ás vezes com uma só, vae ao encontro do páu do adversario, sem pretender bater-lhe, mas por meio d'uma contração instantanea dos nossos musculos, que lhe imprime uma tal rigesa,

que o do adversario, batendo-lhe, é obrigado a retroceder.

Mais adeante na explicação de cada uma das diferentes guardas de pancadas, verêmos se me faço compreender melhor.

Vou pois detalhar cada uma das paradas, ou das guardas de pancadas.

Parada recuada do rebate — Fot. n.º 10

Em todas elas ha a notar, que temos primeiro que atender á noção da distancia, como ficou explicado na secção competente, isto é, que é preciso estar bem medido, e isso antes da pancada ser despedida.

Leva-se o páu á posição apresentada na fotografia, com energia, a encontrar-se com o páu do adversario, com os braços completamente hirtos, esticados e contraidos, por fórma a aparar o choque do rebate.

Mesmo que o páu do adversario por qualquer razão não atinja o nosso, a nossa guarda estaciona repentinamente n'essa posição, não permittindo que a extremidade de fóra do nosso páu, descreva um arco suplementar, que tem por centro o sitio em que a mão direita empunha.

Quando tal succede ficamos descobertos, sem continuar a vêr o adversario por baixo do nosso páu, portanto sugeitos a ser tocados pelo lado esquerdo do nosso páu, na cabeça, no pulso esquerdo ou na perna.

Com uma guarda assim mal feita, só nos póde valer, aquilo que se explicou faltar para completar todas as guardas, e que diz respeito á noção da distancia, quando a pancada é despedida.

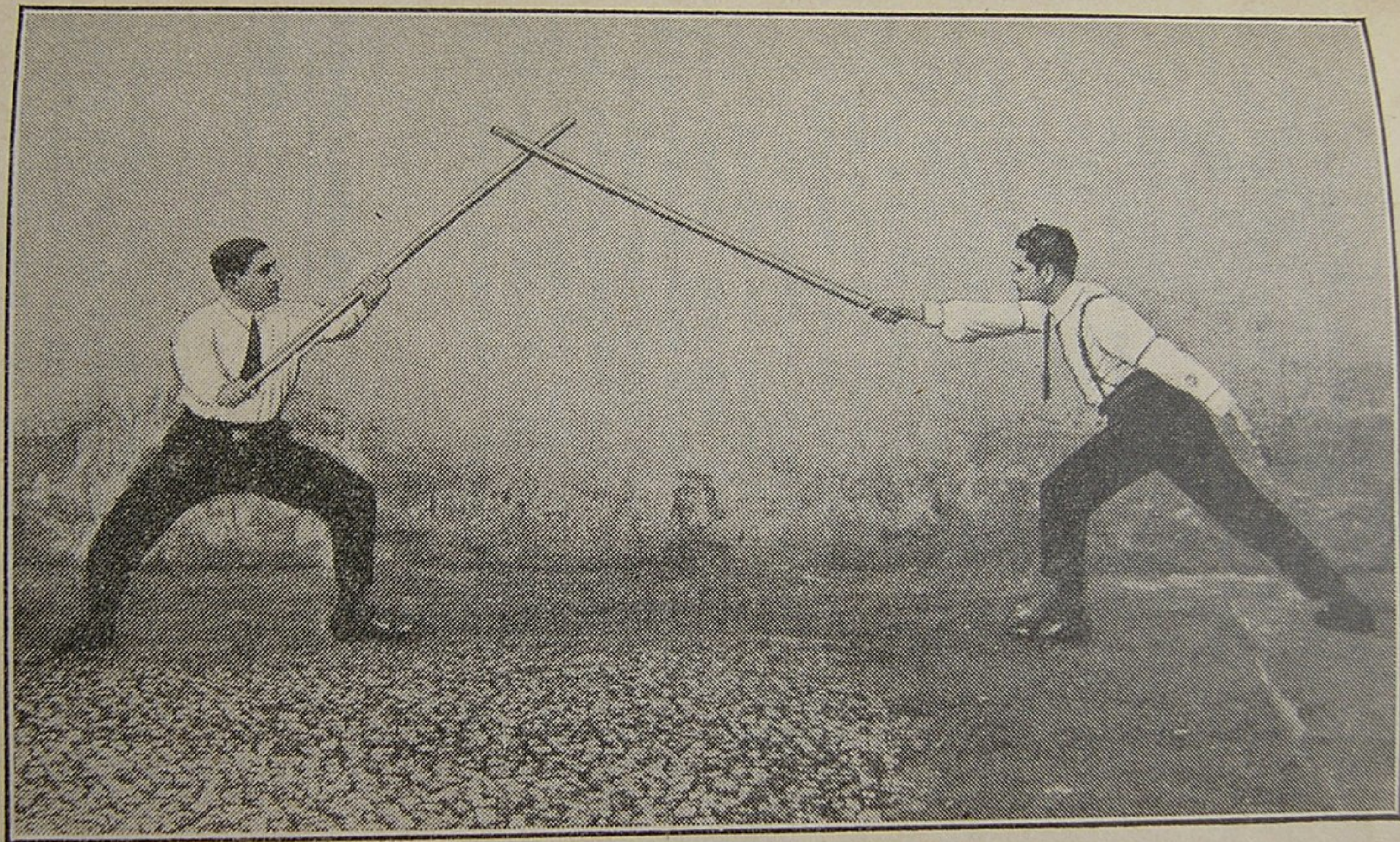



Foto. n.º 10 — **Parada recuada do rebate**

É o trabalho das pernas, que n'este sistema de guardas recuadas, como já disse, consiste, ou em pular um pouco para traz sobre ambas as pernas, ou em fazer um pequeno recuo, primeiro com o pé esquerdo e seguidamente com o pé direito.

É muitas vezes conveniente ao receber a pancada, flexionar um pouco as pernas, para baixar o corpo, e não deixar de vêr o adversario por baixo do nosso páu.

N'estas, e em todas as guardas semelhantes, é preciso não atravessar demasiado o páu, por fórma a que se não desperdice o seu comprimento, e se exponham mais as mãos.

Para isso a extremidade grossa do páu, deve estar em linha com o nosso ombro esquerdo, e não exceder essa linha para o dito lado esquerdo.

Teoricamente pode-se traduzir assim qualquer guarda:

Para nos guardarmos de qualquer pancada, sai primeiro o corpo do terreno em que foi alvejado, e em seguida apara-se a pancada n'esse sitio, offerecendo-se-lhe resistencia com a parte mais solida do nosso páu, que é a mais grossa.

Não descreverei (como já disse) as guardas recuadas das outras pancadas, porque o trabalho dos braços é perfeitamente identico ao das guardas saidas, e o das pernas é sempre o mesmo, como tambem já foi dito, com um pulo para traz, ou o recuo do pé esquerdo seguido do recuo do pé direito.

Guarda saida do rebate -- Fot. n.º 11

Só differe do que se acaba de dizer para a guarda recuada, em que a distancia que é preciso respeitar, para sem perigo aparar a pancada, se obtem fazendo sair a perna esquerda para traz da direita.

Foto. n.º 11 — **Guarda saida do rebate**

Guarda saida da ponta ou estocada - Fot. n.º 12

Em tudo semelhante á guarda saida do rebate, só differe de poder ás vezes ter que ser mais baixa, conforme a altura da direcção da ponta.

Guardas saidas das pancadas por dentro, redondas ou enviusadas, ao lado direito da cabeça do alvejado (pancada á fonte) ou da pancada por dentro ás mãos

Em tudo semelhantes á guarda do rebate, por isso nem de fotografias precisam para se compreender.

Guardas saidas das pancadas arrepiadas por dentro á cabeça, ao corpo ou ás mãos

São em tudo semelhantes ás guardas anteriores, com a differença de que a energia de quem se defende se concentra de cima para baixo, visto que a pancada vem de baixo para cima, e tambem se não vê nessas guardas o adversario por baixo do nosso páu.

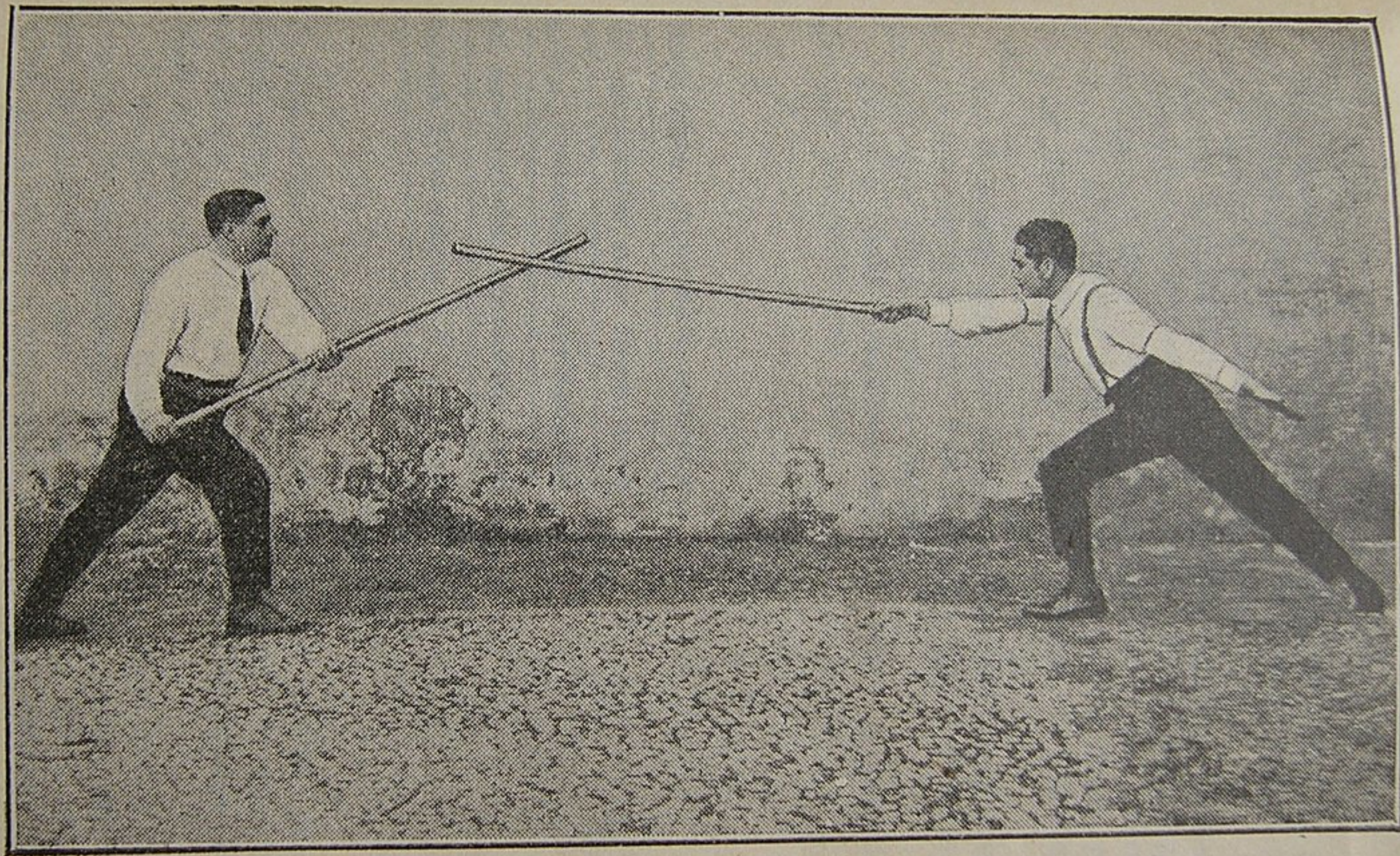



Foto. n.º 12 — Guarda saida da ponta ou estucada

Não esquecer de que o páu estaca na guarda, porque de contrario póde suceder aquilo que já avisei, e de que as fintas e enganos se aproveitam.

Alguns jogadores n'estas guardas, depois de tomadas as pancadas do adversario, inclinam rapida e energicamente para o lado o seu páu, por fórma a que enrolam o páu do adversario, que estando nas mãos d'um principiante descuidado, póde mesmo chegar a sair-lhe da mão.

Não é cousa que me pareça muito util nem simpatica, e tem sempre muito bôa resposta, que é uma rapida pancada por cima bem apontada.

Ainda é mais frequente e facil fazer o mesmo á pancada arrepiada por fóra.

Uma das guardas saidas da pancada por fóra, por cima redonda, arrepiada ou enviusada, (guarda das mãos trocadas - Fot. n.º 13

Um passo saido, como em todas as outras guardas saidas, empunhando com a mão esquerda á retaguarda e a direita á frente, com os braços perfeitamente estendidos e rigidos.

Esta guarda é de todas a mais rija, mas tem o inconveniente de ser demorada na troca das mãos, antes de cair na guarda, e tem nóva demora com nóva troca de mãos, para voltar a empunhar com a mão direita, quando se responde, ou quando se seja obrigado a mudar de

Foto. n.º 13—Uma das guardas sahidas da pancada por fóra, por cima redonda, arrepiada ou enviusada, (guarda das mãos trocadas)

guarda para pancada, que em seguida nos possam fazer pelo lado contrario.

Claro que com a pratica tudo se consegue, visto que não é extremamente difficil.

Esta guarda não póde ser utilisada no sistema de guarda recuada, visto que se tem de virar o corpo.

Guarda saida á ponta do páu, para as pancadas altas, redonda e arrepiada — Fot. n.º 14

O trabalho das pernas sempre o mesmo: um passo saido.

Embora saia a perna esquerda, o corpo não se vira para o lado esquerdo, mas continua a ficar virado para o lado direito, com o páu rijamente empunhado ás mãos ambas, suportando o choque da pancada principalmente com a mão esquerda, e mesmo baixando um pouco o corpo, na ocasião em que a pancada attinge o nosso pau.

Quando se queira deixar passar a pancada sem a tomar, o que conveniente é muitissimas vezes para variar o jogo, encurta-se um pouco o nosso páu, estendendo o braço direito para traz, e correndo a mão esquerda para o terço do páu, mas sempre por fórma a ficar coberto com o troço por cima, por causa d'alguma surpresa de alcance acrescentado.

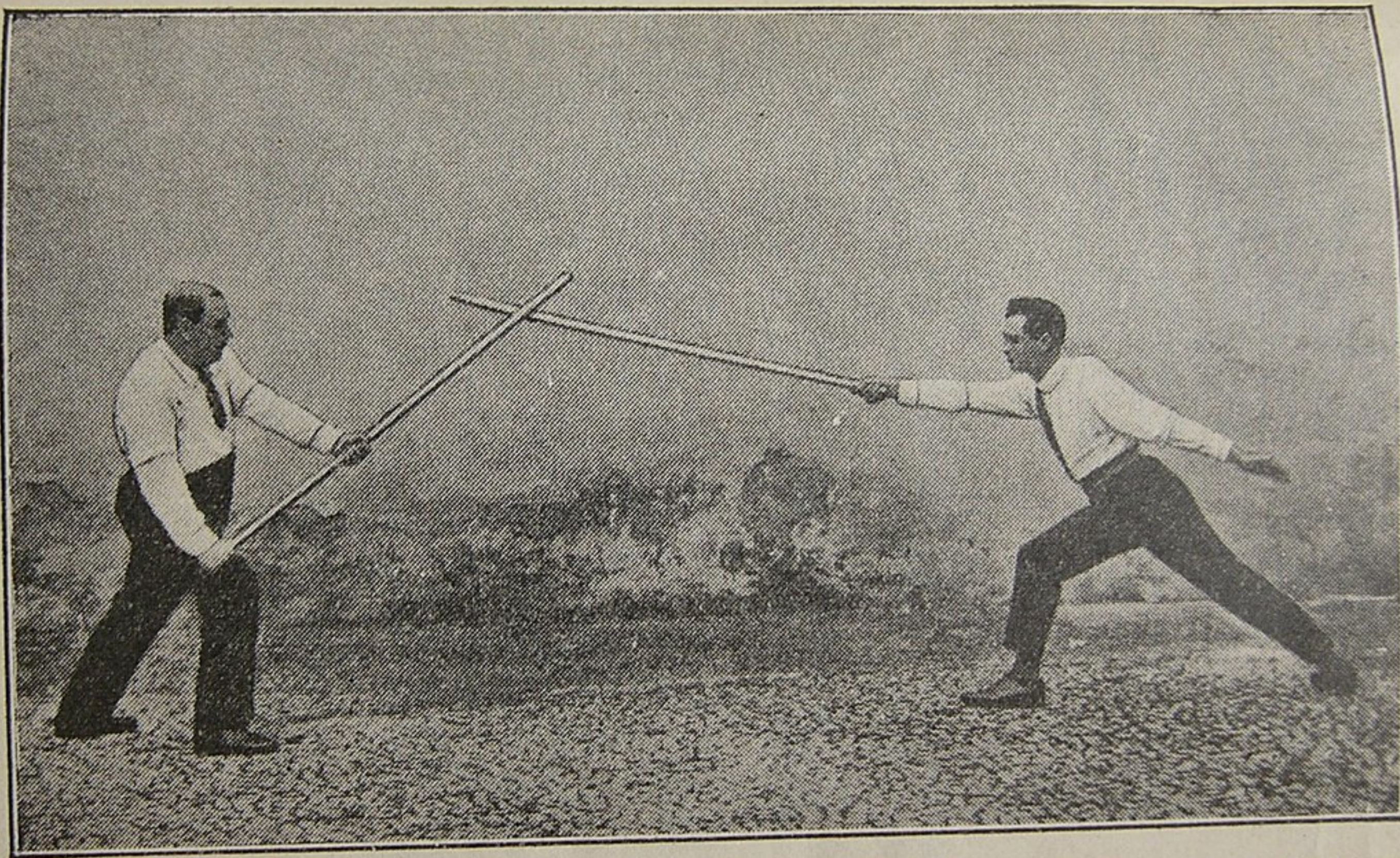



Foto. n.º 14—**Guarda saida á ponta do páu, para as pancadas altas, redonda e arrepiada**

Guarda saida com as mãos sobrepostas, para as pancadas altas, por fóra redonda, arrepiada e enviusada — Fot. n.º 15

Sufficiente é olhar para a fotografia.

Esta guarda aos principiantes é um pouco difficil de fazer, conseguindo a resistencia precisa, quando a pancada é violenta.

Deve-se praticar muito n'ella, para que se nos torne familiar, visto a dupla demora de troca de mãos já citada.

A mesma parada se póde fazer com o páu empunhado só com a mão direita, e tambem com pratica se resiste mesmo a pancadas violentas.

Para fortes e fracos, praticos e inexperientes, estas parada com uma mão só é de toda a vantagem, não só porque se póde, aproveitando o impulso da pancada do adversario, deixar voltear o nosso páu até cair na guarda de espera da Foto. N.º 4, mas principalmente, para responder com pancadas de tempo, a que mais adeante me hei-de referir.

A posição das pernas em que se faz esta parada, tambem não permitte utilisal-a como guarda recuada.

Foto. n.º 15 — **Guarda saida com as mãos sobrepostas, para as pancadas altas, por fóra redonda, arrepiada e enviusada**

Guarda saida (do pau obliquo) da pancada por fóra, enviusada, á cabeça ou ao corpo, ou braço, á perna ou ao artelho—Foto. n.º 16

Esta guarda é d'um valor inextimavel em certas occasiões, em que se é cortado muito a serio.

Uma vez bem compreendida na pancada á cabeça, pouco differe com a altura do sitio alvejado, quando se tratar de alvejar corpo, perna, braço ou artelho.

Um passo saido para traz, o páu empunhado só com a mão direita (mais tarde quando haja mais vista, póde-se chegar a empunhar com ambas as mãos), o braço direito levantado verticalmente, o páu n'uma linha obliqua, e por fórma que venha a ficar o troço do páu no sitio em que estava a cabeça, quando foi alvejada. Póde-se flexionar um pouco as pernas, para melhor resistir ao impeto da pancada.

Um jogador pratico resiste facilmente á violencia da pancada, sem deixar ir o seu páu abaixo, mas isso não tem importancia de maior. Praticos e inexperientes, resistem instantaneamente á pancada, por fórma a que o troço do páu que aparou a pancada vá descançar com a extremidade no chão, inclinado sobre o lado esquerdo, travando por completo o páu do adversario.

Fazer esta guarda com a mão baixa e o braço curvo, é defeito que póde sair caro, e atravessar demais o páu tambem é prejudicial, porque invariavelmente diminuimos assim o comprimento do páu, e pretendemos avançar a mão, para o nosso páu ficar ao alcance do que ataca.

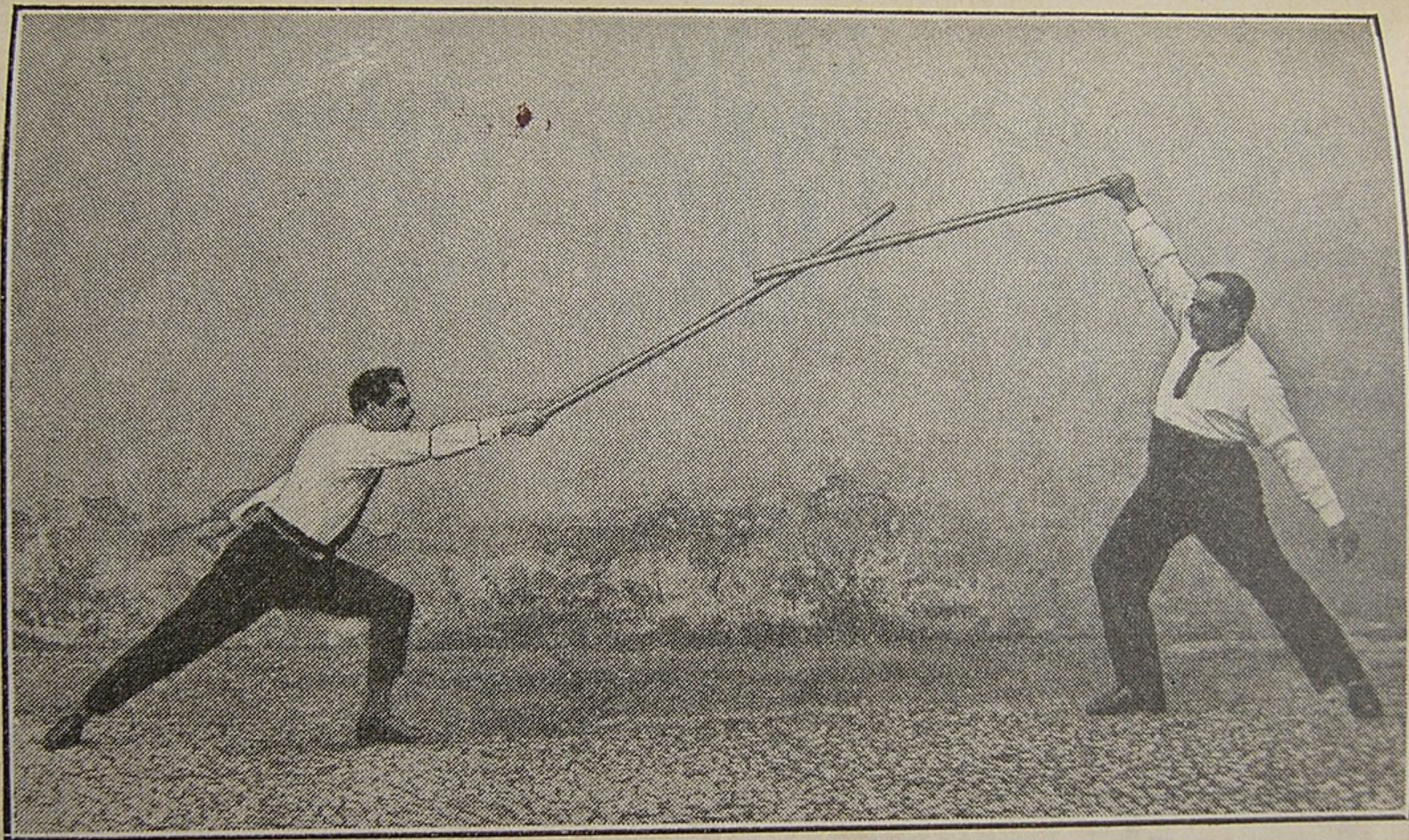



Foto. n.º 16 — **Guarda saida (do páu obliquo) da pancada por fóra, enviusada, á cabeça ou ao corpo, ao braço, á perna ou ao artelho**

Observação. Com todas as pancadas, não deve haver pressa de fazer as guardas, a tal ponto, que d'ahi nos possa advir prejuizo. A guarda é uma sequencia da pancada, e jogadores ha que se aproveitam da tal pressa, para inutilisar guardas feitas com antecedencia.

Nas pancadas d'este genero, que supômos irem apontadas baixas, ainda é preciso reparar melhor, e só lhe devemos metter o páu, depois do páu do adversario ter passado uma certa altura, sem nunca nos esquecermos, que a mão direita só muito tarde se abaíxa.

Guarda sahida da pancada enviusada á perna ou ao artelho por dentro — Foto. n.º 17

O mesmo que com as pancadas por fóra, com a differença do nosso páu operar pelo nosso lado direito.

Observação. Nas pancadas *redondas* ao artelho, quer por dentro quer por fóra, é preciso meter-lhe o páu pouco inclinado, isto é, mais a prumo do que para as pancadas enviusadas, a fim de que não possa haver possibilidade do páu do adversario resvalar subindo, tomar effeito e vir carambolar com a nossa mão direita.

Resta dizer, que a teoria exposta para as guardas saidas pela esquerda, que se explicou em todas as differentes pancadas, que procuravam alvejar o adversario collocado com a perna esquerda á frente, se adapta perfeitamente a todas as outras posições de guardas de espera, representadas

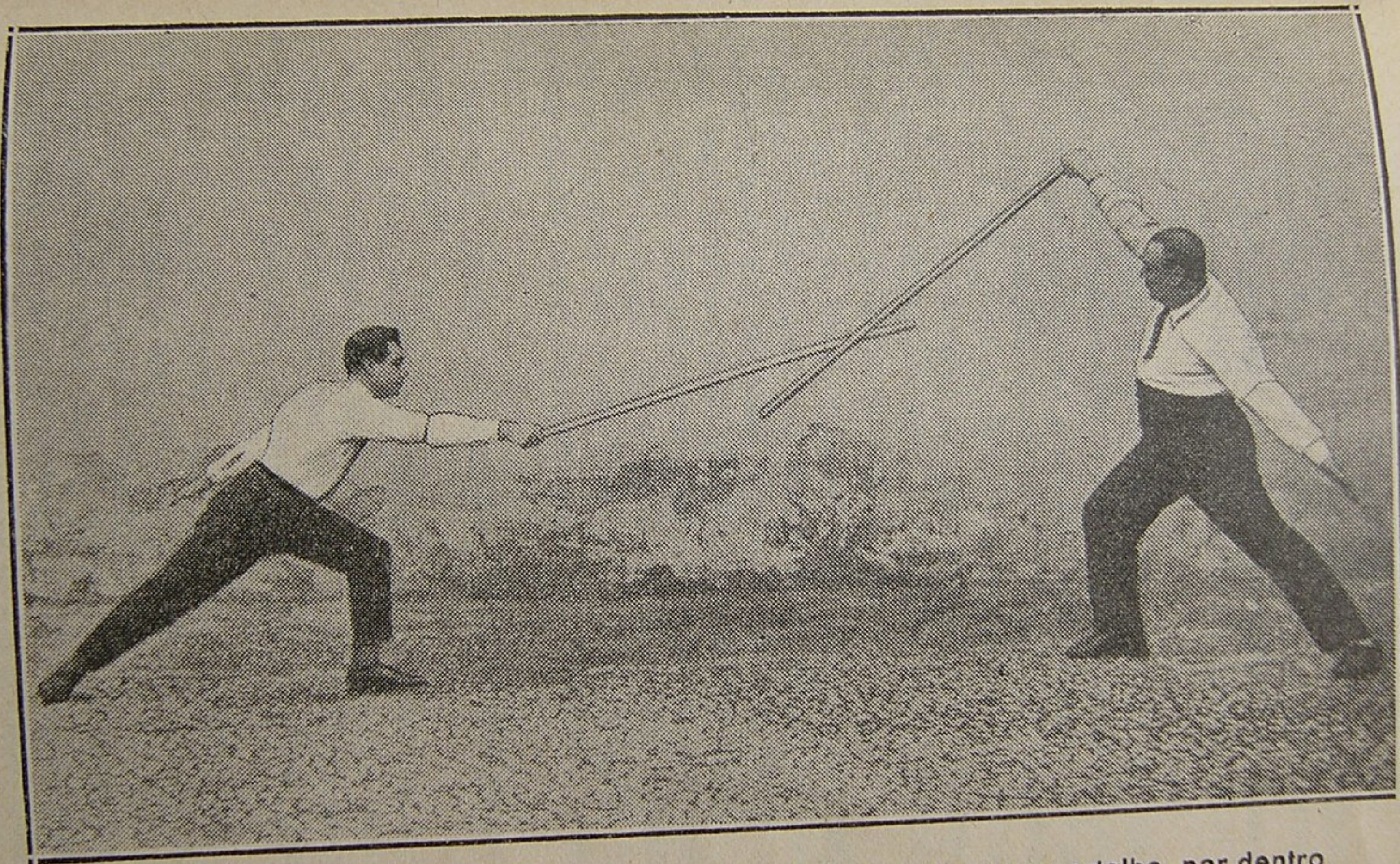



Foto. n.º 17 — Guarda saida da pancada enviusada á perna ou ao artelho, por dentro

pelas diversas fotografias, quer esteja á frente a perna esquerda ou a perna direita no momento de se ser atacado.

É simplesmente questão de fazer um passo á retaguarda, e collocar o páu em posição adequada á recepção da pancada, como já se viu.

Comquanto seja de bom habito e costume, para quem está pratico em assaltar, trazer quasi sempre a posição certa com o adversario, isto é, tanto em sarilhos como em ataques, conjugar posições esquerdas com posições esquerdas, e bem assim posições direitas com posições direitas, nada impede para o bom exito das guardas, que os adversarios usem posições muito diversas e trocadas, e que façam simultaneamente sarilhos diversos.

Quanto aos sarilhos, n'esses é que mesmo que sejam de estilos diversos, convem que andem certos no passo, quando o recinto é pequeno. Por outra fórma ficaria uma cousa desarmoniosa, além de poder ser prejudicial.

A razão é que todos os sarilhos teem os seus pontos fracos, e não convêm que n'um dádo momento, um adversario se encontre em ponto fraco e o outro em ponto forte, porque rapido como o pensamento póde aproveitar o ponto fraco.

Andando certos os sarilhos, ambos fraquejam ao mesmo tempo.

Mais adeante direi ao que chamo pontos fracos.

Temos tratado até aqui das guardas saidas, em que a perna esquerda sae por um movimento completamente natural pela esquerda, fazendo um passo para traz da perna direita.

Vamos agora tratar das guardas saidas, em que estando o alvejado tambem na guarda de espera da fot. n.º 1, sae um pouco artificialmente com a perna esquerda, pelo seu lado direito, para traz da perna direita, mas sempre vendo o adversario e por baixo do seu páu.

Chamam-se saidas de rectaguarda, porque ellas po-

dem ser preparatorias de rectaguardas descarregadas, assim como podem ser utilizadas para seguir o jogo por outra fórma diversa.

Guarda de retaguarda saida, ou saida pela direita, para o rebate — Fot. n.º 18

A teoria é sempre a mesma. O páu empunhado por fórma tal, que no sitio em que estava a cabeça alvejada, passou a estar o troço do páu, e o executante sempre vendo o adversario por baixo do dito páu.

Guarda de retaguarda saida, ou saida pela direita, para a ponta — Fot. n.º 19

Fazer aproximadamente o mesmo, com a guarda mais baixa.

Guarda de retaguarda saida, ou saida pela direita, para pancadas por dentro baixas — Foto. n.º 20

Fazer o mesmo que com as guardas de frente, com o páu guardando por baixo.

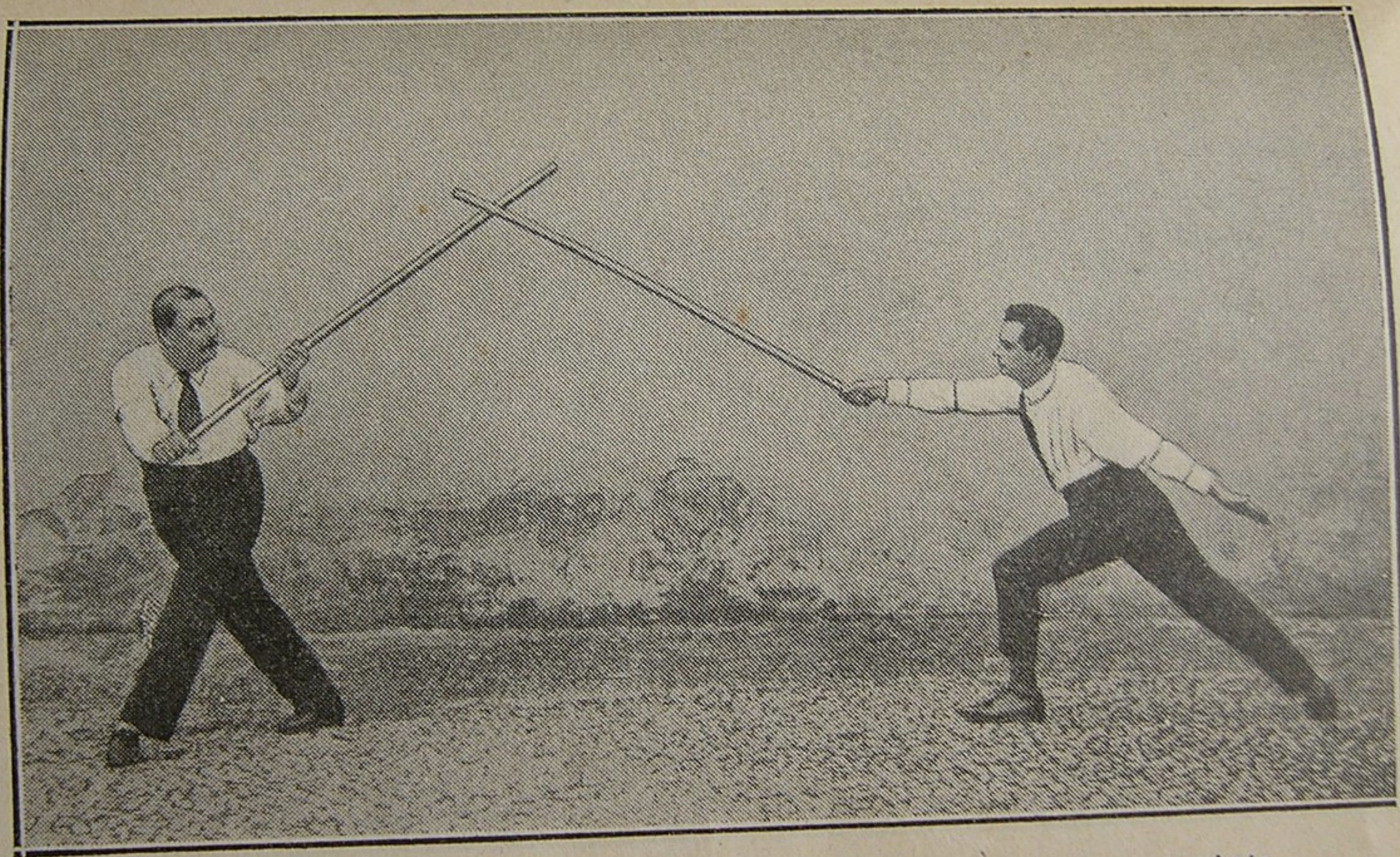



Foto. n.º 18 — Guarda de retaguarda salda, ou saida pela direita, para o rebate

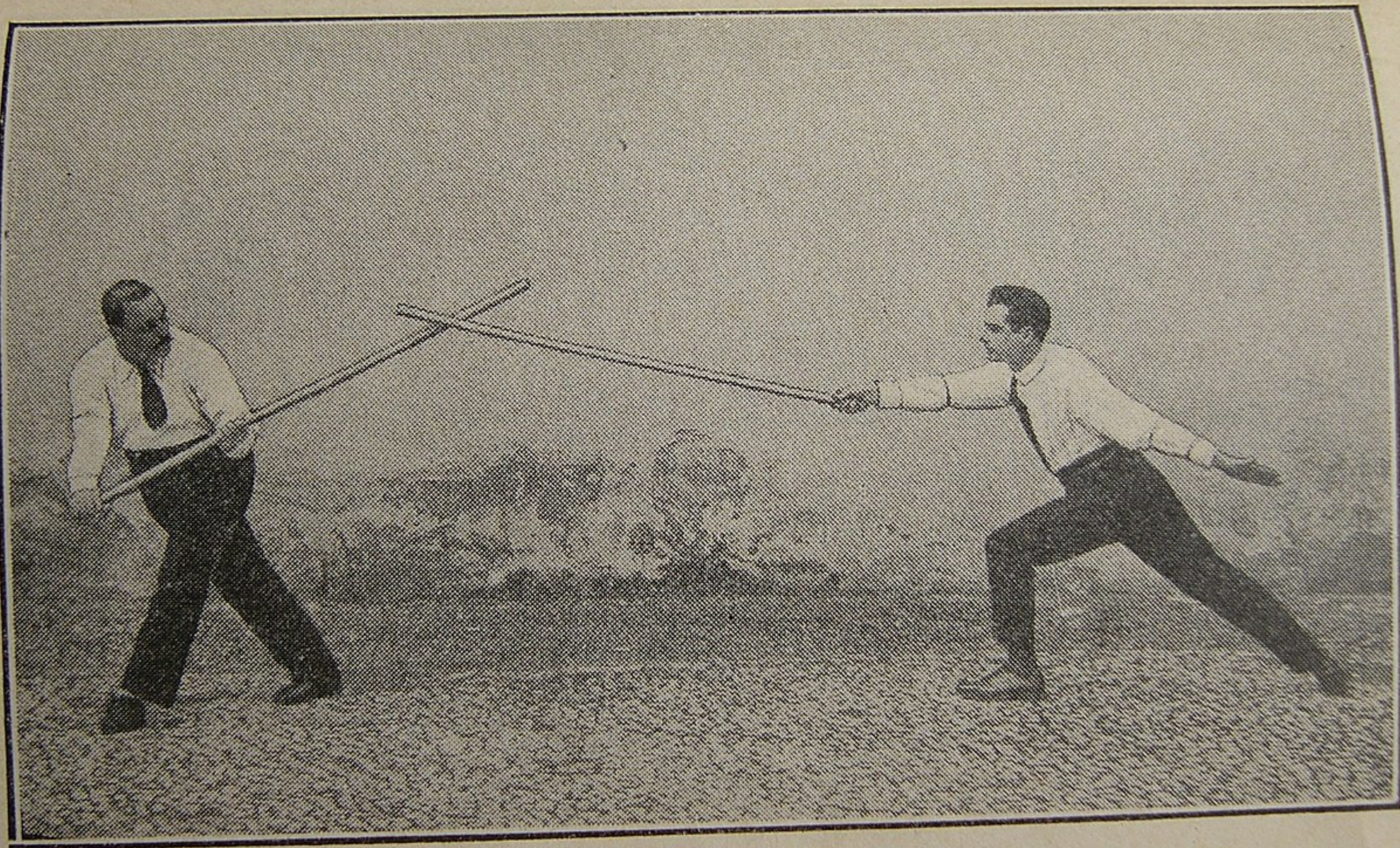



Foto. n.º 19 — **Guarda de retaguarda saida, ou saida pela direita, para a ponta**

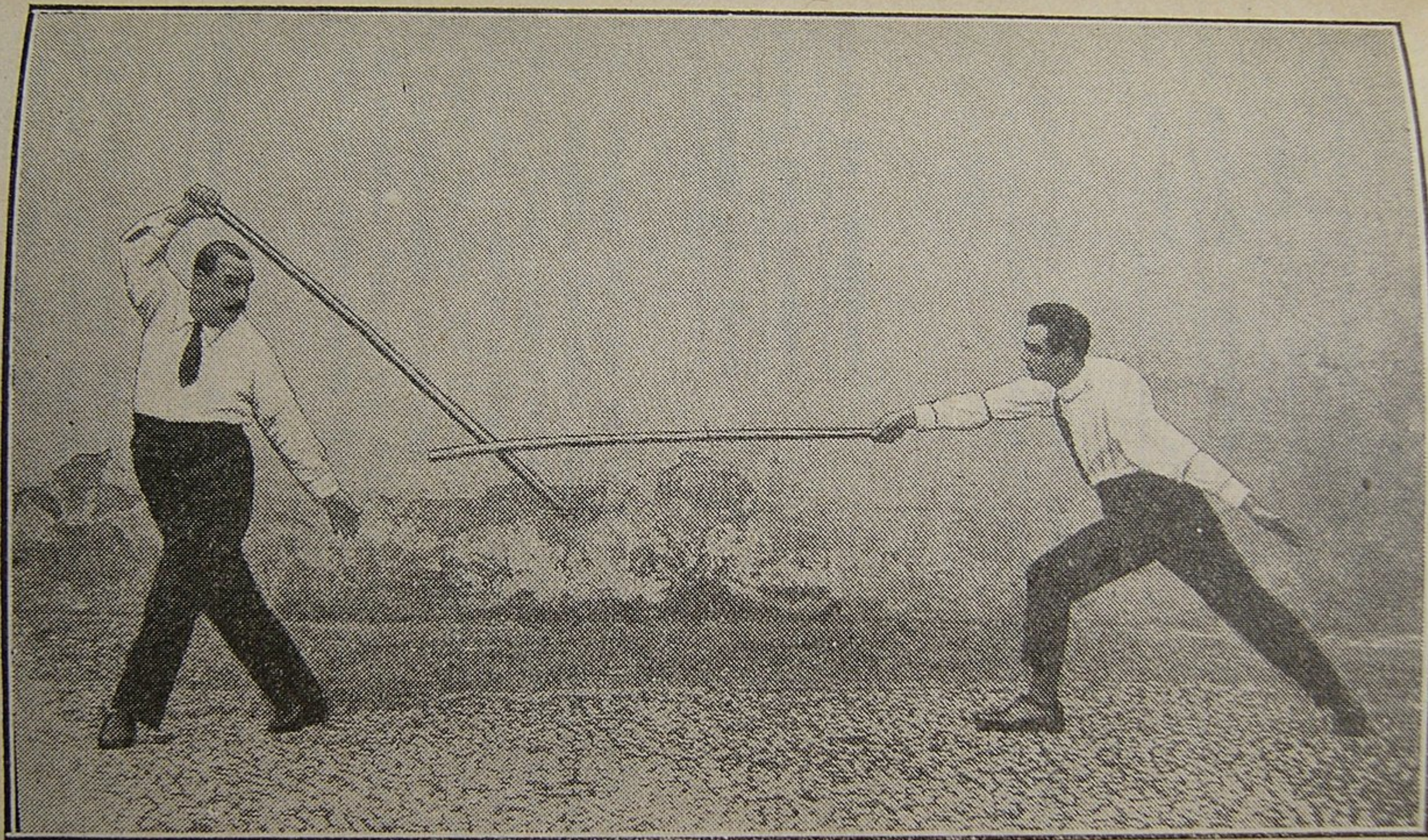



Foto. n.º 20 — **Guarda de retaguarda saida, ou saida pela direita, para pancadas por dentro baixas**

Guarda de retaguarda saida, ou saida pela direita, para pancada enviusada, alta por fóra — Fot. n.º 21

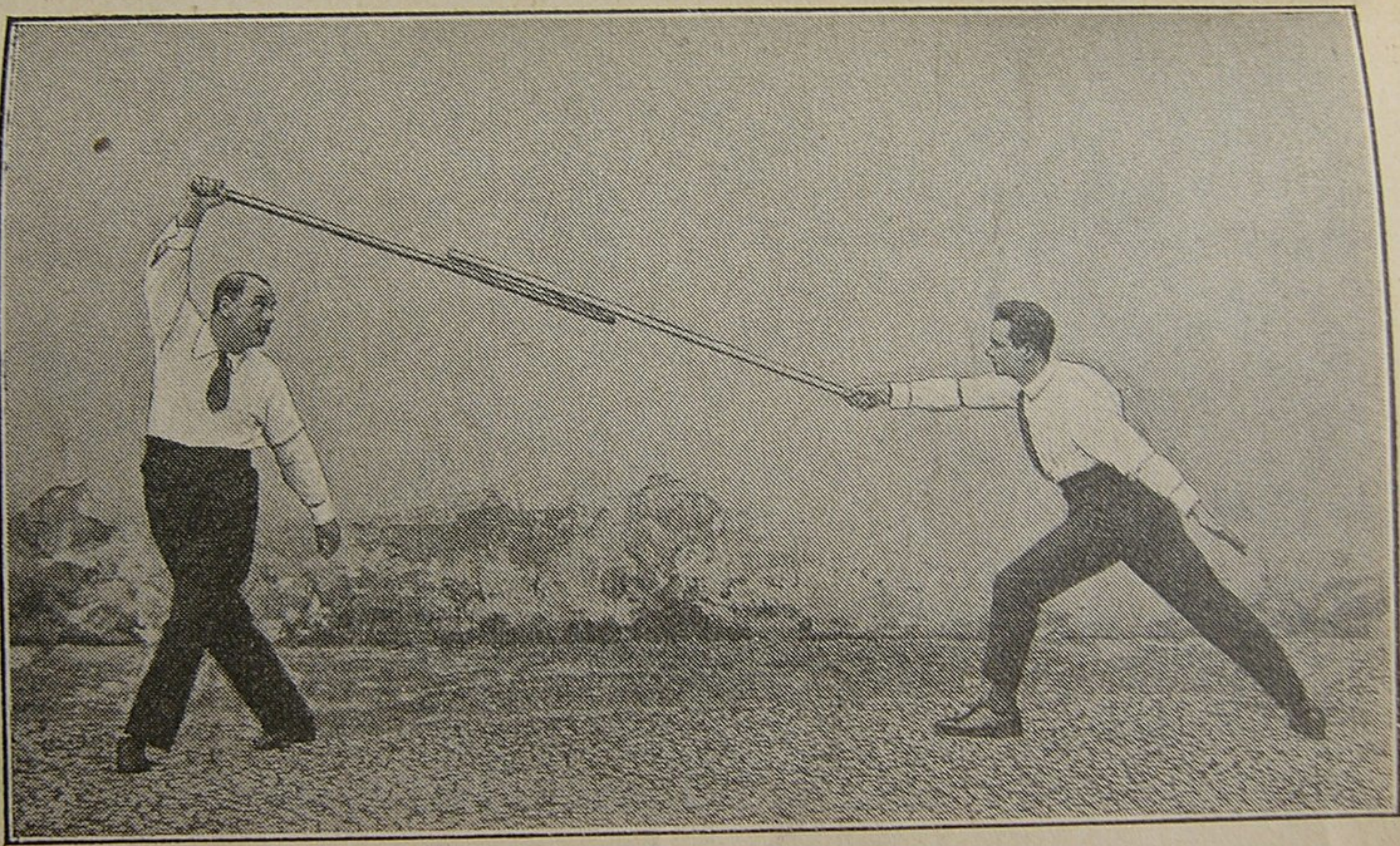
Collocar o páu em posição identica á da parada de frente, e o trabalho da saida da perna sempre o mesmo, pelo lado direito.

Guarda de retaguarda saida, para pancada redonda por fóra

No momento em que se vê nascer a pancada, larga a mão esquerda, deixando ficar o páu virado para o adversario, passa rapidamente o corpo por baixo do braço direito, rodando sobre o pé direiro, e vem a ficar na posição da Fot. n.º 6, com a differença do braço ficar completamente estendido.

As pancadas baixas por fóra, não se prestam a ser tomadas com estas saidas retro-mencionadas.

Guardas lateraes - Foto. n.º 22

As guardas lateraes offerecem mais vantagens para quem tem a vista bem educada, por isso que conquistam mais terreno, mas são menos recomendaveis aos principiantes.

Foto, n.º 21 — **Guarda de retaguarda, ou saida pela direita, para pancada euviusada, alta por fóra**

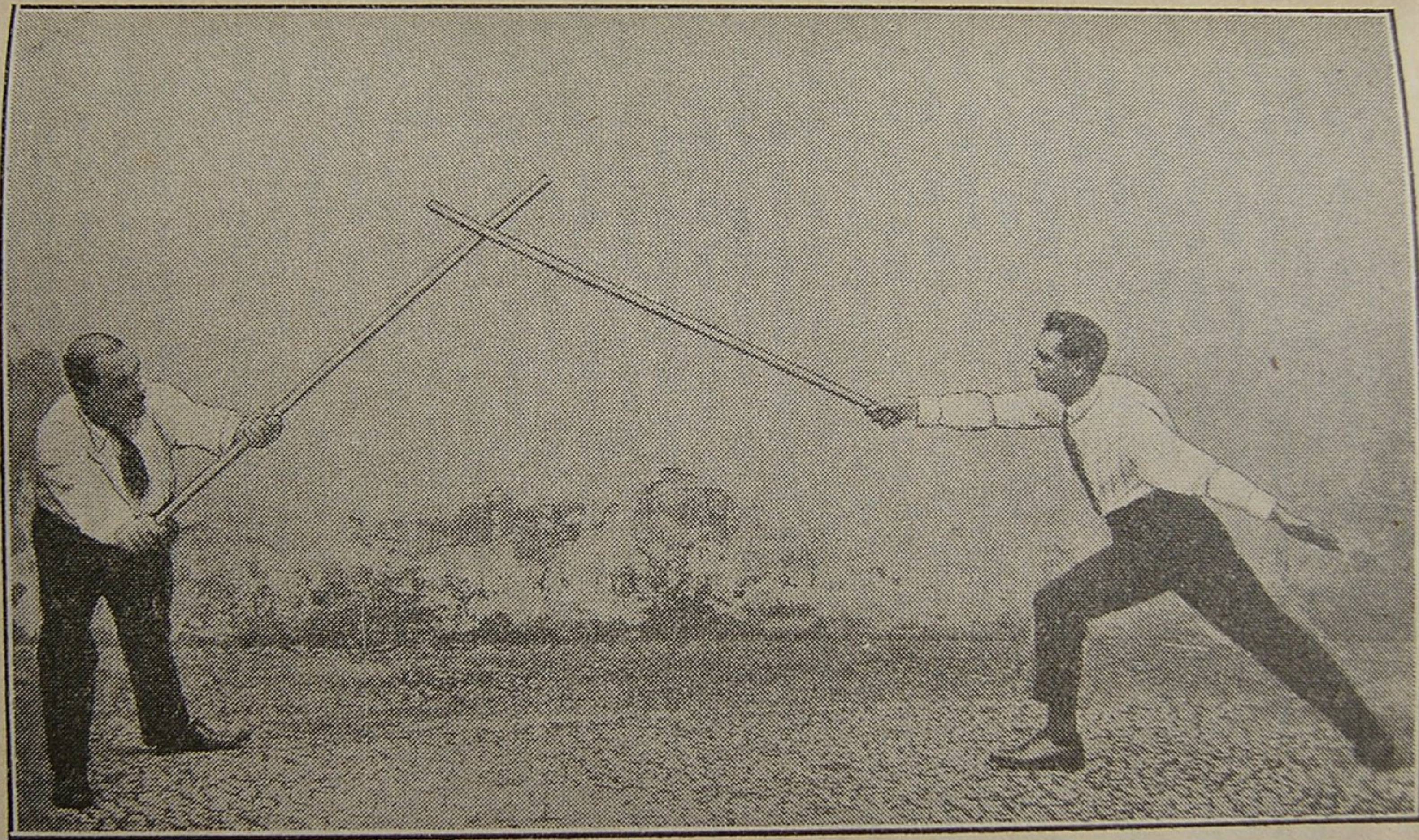



Foto. n.º 22 — **Guardas lateraes**

Todas ellas se executam pelo mesmo sistema, ou antes analogo ao que ficou exposto para as guardas saidas, mas teem mais alguma cousa a que attender.

Nas guardas saidas percebia-se que o corpo saindo para traz, ficava mais longe do sitio em que foi alvejado.

Nas guardas lateraes temos geometria aplicada, mas é apenas preciso saber, que a obliqua é maior que a prependicular.

O executante alvejado com pancadas altas por cima e por fóra, isto é, pelo seu lado esquerdo, sai com a perna esquerda e corpo todo pendido para o seu lado esquerdo (ou ainda um pouco para traz, conforme a vista de que dispõe) deixando ficar o pé direito no sitio em que estava, e empunha o páu como lhe foi aconselhado para essas pancadas. (De preferencia a guarda das mãos sobrepostas, ou com uma mão só).

Se o alvejado estava com a perna direita á frente na ocasião de ser atacado, póde fazer duas cousas:

Ou sair directamente com o pé direito para o lado esquerdo, e fazer a coberta das mãos sobrepostas, que é a mais facil, ou então recuar primeiro o pé direito para junto do esquerdo, para seguidamente estender a perna esquerda e inclinar o corpo para o mesmo lado esquerdo, e colocar o páu na dita guarda.

Para o rebate ou pancadas altas por dentro, o trabalho de guardas lateraes é perfeitamente identico.

Mais facil quando o alvejado tem o pé direito á frente, consiste só em retirar esse pé sobre o lado direito, ficando o pé esquerdo onde estava. Quanto ao trabalho do páu, é fastidioso repetir mais o que ha a fazer.

O corpo sempre bem estendido e virado para o lado d'onde vem a pancada.

Quando tem o pé esquerdo á frente, ou sai directamente esse pé para o lado direito, ou então (veja fot. n.º 22) sai primeiro o pé esquerdo para junto do direito,

para seguidamente sair o pé direito para a direita, e completar depois a guarda empunhando o páu, como já se sabe.

Com as pancadas baixas tambem se fazem as guardas lateraes, com raciocinio semelhante ao que acaba de ser explicado.

Guardas avançadas

Se para as guardas lateraes é preciso ter a vista educada, para as guardas avançadas é preciso tel-a apurada, e muito geito para escolher a ocasião de as fazer sem prejuizo.

O adversario sente que entraram pelo seu terreno, instintivamente póde perder a linha da boa conducta, e ninguem o póde censurar. É natural que o adversario, surpreendido com uma guarda avançada, em assalto serio, seja tocado com uma boa resposta de quem assim se guardou, mas naturalissimo é tambem, que saiba corresponder com um simplissimo corte saido, e continue o jogo, assim como lhe póde occorrer fazer uma completa gnarda saida; etc., pois que n'este jogo não deve haver surprezas. Tudo se faz, a tudo se responde, tudo se cobre, tudo se corta, e todos os cortes se podem cobrir ou recortar.

Quando o adversario com uma guarda entrada se aproxima demasiadamente, aquelle que é alvejado acrescenta a guarda saida, com um pulo sobre a perna da retaguarda, para só depois, a perna que estava á frente, cair á retaguarda. Este acrescimo á guarda saida, já foi mencionado.

Além d'isso outra guarda entrada se póde seguir, e

assim tambem se foge da linha da pancada, e o jogo continua com toda a correcção e delicadeza.

Com estudo, ensaio, *e camaradagem invulneravel á vaidade,* tudo se consegue chegar a fazer com pratica.

Guardas avançadas pódem-se fazer tanto ás pancadas altas como baixas.

Completamente de frente não será seguro fazel-as.

Ha por exemplo, quem entre debaixo d'um rebate, com os braços estendidos ao alto, e ambas as mãos afastadas, empunhando o páu horisontalmente sobre a cabeça. N'essa manobra não admira que o páu se parta, ou que o adversario saltando fóra ou recuando um passo alveje uma das mãos, ou mesmo sem sair recolha o páu, como em finta de rebate para ponta, e a empregue com eficacia.

Quem assim procedeu entrou n'um terreno que lhe não pertence, e que nem soube conquistar.

Tambem ha quem corra a metter-se debaixo das pancadas altas, fazendo qualquer das guardas já descriptas, com a convicção de que qualquer pequeno toque que possa apanhar com o meio do páu do adversario, fica bem compensado com uma formidavel resposta, mas não faz conta com a oportunidade dos cortes saidos, que o alvejam com o troço do páu, que produz traumatismos mais para considerar.

Relativamente a cousas mal discorridas, tem chegado a haver, quem de proposito se deixe tocar numa perna, com a esperança de empregar a sua pancada na cabeça, mas esses decerto teem sem o saber, a cabeça ainda mais dura do que as pernas.

Recomendando com a maior sinceridade, que estes exercicios não devem pretender ser feitos por pessoas com pouca experiencia, vou dizer o que se me afigura de mais razoavel, para ser praticado por aqueles que estejam em adiantamento sufficiente.

Rebate — Guardas avançadas — Foto n.º 23

Vendo o rebate bem desenhado, faz-se a passagem sobre o lado direito, recuando apenas um pouco a perna da frente (seja a esquerda) para avançar obliquamente a perna direita e o corpo todo, páu empunhado com as mãos ambas juntas e braços levantados, e obliquamente descaido sobre o nosso lado esquerdo. O corpo fugiu da linha da pancada, cuja cai sobre o páu.

A resposta mais natural, em seguimento d'esta guarda, é a pancada por fóra à nuca, ou ás costas do adversario, mas tambem póde ser a ponta.

Com trabalho identico se faz a passagem e guarda pela esquerda. (Fot. n.º 23).

Para o rebate se faz tambem a guarda entrada pela direita (páu na posição vulgar da parada) para passar uma retaguarda descarregada de grande alcance. A melhor ocasião é quando se está alvejado com a perna direita á frente, e se entra obliquamente a todo o comprimento da perna esquerda, pelo lado direito. Ás vezes é preciso recolher um ponco a perna direita, para depois entrar a esquerda.

Em qualquer dos casos, o páu toma solidamente a pancàda, e n'esse caso o melhor que ha a fazer, é descarregar rapido a retaguarda, para o adversario lhe não apetecer cortar.

Com um falso adversario, não se pódem descarregar com brandura retaguardas avançadas, porque ha um momento em que deixamos de o vêr. Por isso é preferivel não avançar muito o pé esquerdo debaixo da pancada, para as poder preparar mais curtas e brandas, e assim evitar possivelmente um toque muito serio no nosso adversario.

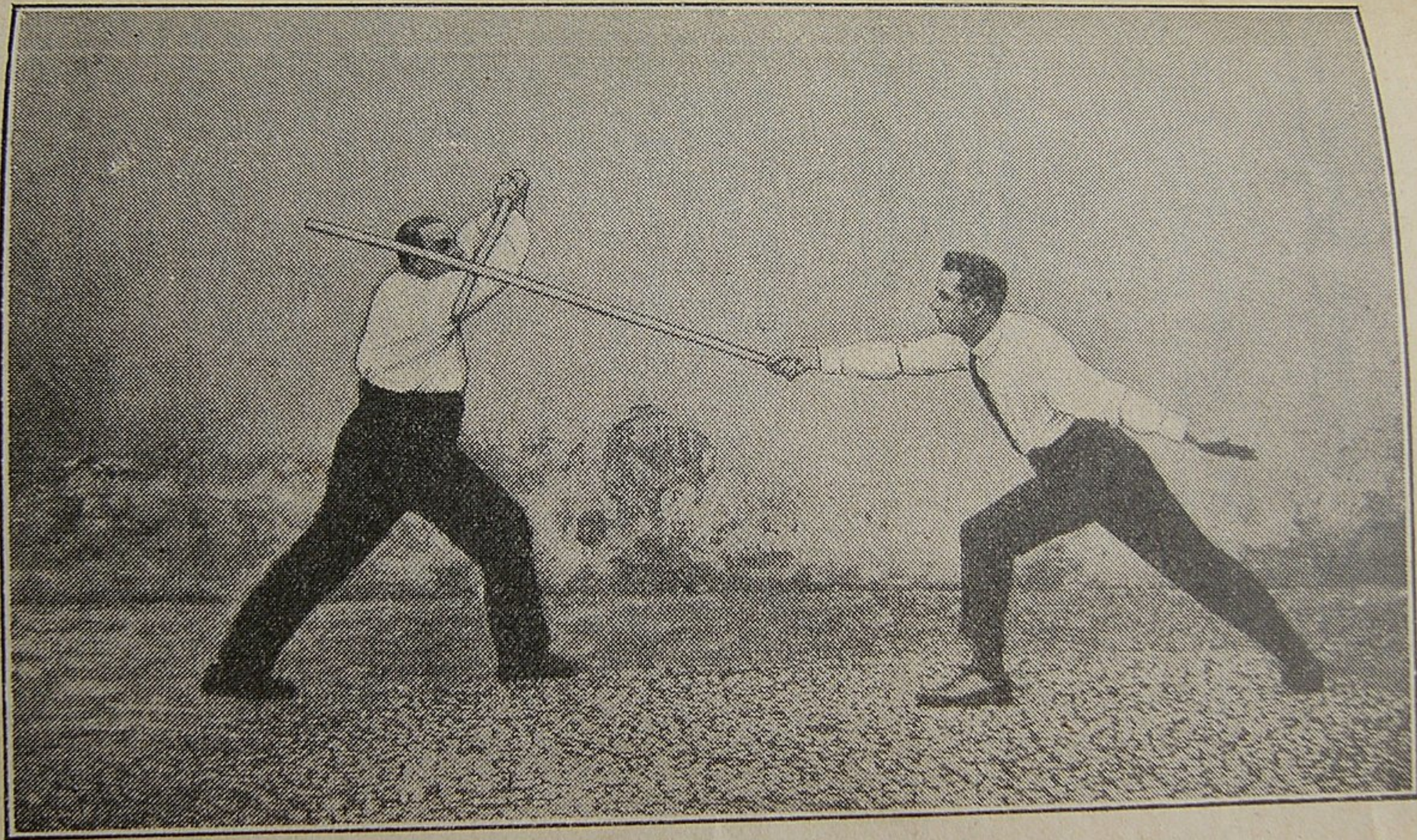



Foto. n.º 23 — **Rebate. Guardas avançadas**

Ponta — Guarda avançada

Para a ponta o trabalho é em tudo semelhante, se bem que, uma vez as passagens feitas, nem seria preciso tomal-as.

Pancada enviusa-
da alta por fóra —
Guarda avançada

O trabalho é semelhante ao do rebate, por isso que se pretende apenas fugir da linha da pancada, e tomal-a no páu pela mesma fórma, isto é, pela primeira fórma referida, o páu empunhado com as mãos juntas, braços levantados sobre a cabeça, páu atravessado obliquo com o troço pendido.

É quanto sei referir sobre pancadas altas tomadas com guardas avançadas, sem grande perigo, porque se sai da linha da pancada.

Tudo mais que se faça, que eu saiba, tem de ser a aplicação das guardas conhecidas, com uma entrada antecipada ao terminus da pancada, isto é, emquanto vem alta, para colher o páu do adversario pelo meio, mas tambem já falei nos inconvenientes que issc póde ter.

Nas pancadas baixas o perigo é menor, mas tambem a vantagem não é muito grande, porque tão mimoseado ficaria o adversario, que por exemplo levasse uma pontuada de alcance vulgar no peito, como outra em que conseguissemos entrar tanto, que se a aplicassemos ainda sobejariam dois palmos de páu, depois de atravessado de lado a lado.

Pancadas baixas — Guarda avançada — Foto. n.º 24

Quer a pancada baixa seja por dentro ou por fóra, recuando a perna alvejada um pouco, e fazendo avançar a outra protejida pelo nosso páu, no momento em que a pancada do adversario estala no nosso páu, fazendo rapidamente avançar um passo a perna da retaguarda, temos uma pontuada a surdir com um comprimento extraordinario.

Áqueles a quem pareça pouco ainda este comprimento, poderão formar um pequeno pulo sobre a perna que entrou protegida com o nosso páu, para depois executar o passo entrado já recomendado.

Em vez de pontuada, póde-se variar de pancada na resposta.

Em regra tudo isto é dispensavel, e em abono da verdade devo dizer, que tenho conhecido algumas pessoas, que felizmente para elas nunca chegaram a estes adiantamentos, porque os córtes a valer não se inventaram senão para contrariar entradas demasiadas.

Emfim, quem se encontre seriamente entalado n'um canto com um adversario perigoso, talvez possa dizer que o saber não occupa logar, porque esses ás vezes enganam-se, imaginando encontrar mole, e influem-se demais quando teem patricios ou amigos a vêr.

Das pancadas avançadas

Pancadas avançadas são aquellas em que em vez de cair a fundo com a perna da frente, se avança um

Foto. n.º 24 — Pancadas baixas. Guarda avançada

passo para a frente, ao mesmo tempo que se faz a pancada.

Nada mais tenho a dizer quanto ás pancadas.

Estando bem medido, as guardas são positivamente as mesmas já descriptas, considerando sempre, que a uma pancada entrada deve corresponder uma guarda saida, e considerando mais, que se a vista nos aconselhar, devemos ainda acrescentar o alcance da guarda saida, com o tal pequeno pulo sobre a perna trazeira, antes da saida da perna da frente.

Quem faz as pancadas entradas, encontra um pouco mais de difficuldade em voltar á guarda, emquanto não ganha verdadeira pratica.

Mais tarde chegará a fingir, que comete involuntariamente o erro de entrar com pancadas baixas, para provocar as respostas do adversario, e ha de chegar a cobrir-se a ellas mesmo com guardas lateraes, para ganhar rapidamente terreno.

Dos sarilhos em geral

Os sarilhos não são simples adornos de jogo, como muita gente julga.

Os sarilhos constituem um bello exercicio, em que se aprende a bem pisar o terreno (o que é muito importante) e em que nas diversas posições por que o páu passa, o jogador encontra boas oportunidades, para de repente produzir qualquer guarda.

Por isso os antigos diziam, que dos sarilhos nascem as guardas.

Para bem pisar quando se joga, preciso é bem pisar quando se fazem os sarilhos, e para ajuizar do jogador, quasi que é suficiente reparar-lhe para os pés.

Os sarilhos são um bonito adorno para o jogo, mas

tambem servem para dar uns momentos de relativo descanço, entremeando-os com as diferentes fases do assalto. Tambem é bonito ver extrair as pancadas dos sarilhos (e o adversario as guardas), para dar principio a cada uma das fases.

Assim como se joga em ataque de frente, avançando ou recuando, e andando sobre uma circunferencia, tambem os sarilhos se fazem das mesmas maneiras, avançando, recuando, e andando sobre a circunferencia e para ambos os lados.

O ensino dos sarilhos deve ser primeiro, fazendo recuar o discipulo.

Depois fazendo-o avançar, mas mostrando-lhe que é sempre conveniente avançar com passos curtos e recuar com passos largos.

E por fim ensinal-o a mover-se sobre a circumferencia, o que é bastante mais difficil.

Trabalhando sobre a circunferencia, tem que se notar que ambos os adversarios se devem conservar nas extremidades do diametro, para estarem em eguaes circunstancias de segurança.

Se por exemplo, ambos trabalhando para a direita, um d'elles sae da extremidade do diametro para o seu lado direito, esse que assim fez, aproxima-se da descoberta esquerda do adversario.

No jogo dão-se puramente os mesmos casos.

Parece isto uma cousa sem importancia, mas tem muitissima, nos seus effeitos, e é conhecida de muito pouca gente.

O adversario sente-se mal collocado, sem saber porque, começa a recuar, e ás duas por tres está metido n'um canto.

O remedio é bem simples. Caminha um pouco mais para o lado das costas do adversario, e passa a sentir-se bem, porque volta a ficar no tal diametro da circunferencia, sitio unico em que se está em egualdade de circunstancias.

Sarilho de baixo

Diziam os antigos que este era o pae e a mãe dos sarilhos, e naturalmente por isso é ainda de todos o mais usado.

Para mim acho bons todos aquelles que vou descrever, quando feitos com o passo bem medido, quando se tenha completo conhecimento das guardas por que passam, bem como dos seus pontos fracos.

Quando porém o adversario seja duro e pouco attencioso, e o terreno apertado, e esse adversario mesmo nos sarilhos saiba conquistar terreno fingindo todo o geito da saida da perna esquerda (veja-se mais adeante a explicação d'este sarilho feito sobre a circumferencia) para avançar com a direita, e se desconfie d'um ataque no meio do tempo dos sarilhos, nada chega ao sarilho traçado de cima com as mãos sobrepostas, em que a mão direita nunca larga a extremidade do páu. Sem perdas de tempo está o páu sempre empunhado e pronto para cobrir ou cortar.

Para fazer este sarilho, tomando como ponto de partida a posição de guarda de espera direita Foto. N.º 1, direi o que faz o adversario que avança, ficando perfeitamente percebido, que o que recua faz em tudo o mesmo, com a differença de recuar um passo em vez de avançar.

Esta demonstração é o que diz respeito ao sarilho em linha recta, e assim farei com todos os outros sarilhos, para sómente no fim de todos, dizer duas palavras sobre o trabalho quando feito sobre a circumferencia.

A mão direita larga o páu, e fica esperando com a palma virada para cima, o pulso esquerdo, que está virado para cima, róda com o páu agarrado até ficar virado para baixo.

Claro está que o troço do páu foi cair na palma da

mão direita, que ficou á espera. Depois sem largar o páu, sóbe pelo páu a mão esquerda até chegar á extremidade delgada. Com o braço esquerdo levantado, e o antebraço curvado e atravessado defronte da testa, (por fórma a vêr o adversario por baixo do pulso), entra a perna direita para a frente, assim como o páu, paralelamente á perna, até se encontrar na guarda esquerda das mãos trocadas, da foto. N.º 2.

Repetindo por uma fórma identica, volta a encontrar-se na guarda direita.

Analisando direi:

Ao lançar o páu para traz, fica n'uma posição bôa para acudir a uma pancada por fóra alta, e para fazer uma guarda (aliás imperfeita) para uma pancada baixa, tambem por fóra. Para guardar rebates ou pancadas por dentro, não podemos estár peor.

Este e outros pequenos inconvenientes estão previstos, como mais adeante se verá, quando chegarmos á descripção dos sarilhos sobre a circumferencia, visto que nas guardas se sabe guardar distancias, e com a pratica rapidamente se mudam as mãos.

Sarilho traçado por cima com as mãos sobrepostas

Partindo da mesma posição da Foto. N.º 1.

Empunhado como está o páu ás mãos ambas, as mãos vão-se aproximando gradualmente, logo que o páu começa a fazer uma volta completa por cima do nosso ombro esquerdo e da nossa cabeça. Continua o páu seguindo o seu movimento de rotação, e um pouco antes de passar pela nossa frente, entra a perna direita, e o páu segue sobre a nossa guarda esquerda, até se encontrar na guarda esquerda das mãos sobrepóstas das Foto. N.º 3.

Perfeitamente identico e inverso, para voltar á guarda direita, sem afastar as mãos, senão proximo do fim do volteio do pau.

Repete-se como todos os outros sarilhos, avançando e recuando, e tambem se faz com as mãos trocadas, ao entrar na guarda esquerda.

Sarilhos traçados de baixo

Os sarilhos traçados de baixo, tambem se fazem pelas duas fórmas já descritas para os sarilhos traçados de cima, tanto com as mãos trocadas como com as mãos sobrepóstas.

A unica diferença é que os sarilhos traçados de cima, procuram ou vão terminar nas guardas de cima, já enunciadas e referidas ás competentes fotografias, e os de baixo procuram sobre a direita a guarda que se observa na foto. N.º 7 e na esquerda ou a guarda oposta perfeitamente identica, se é para ser feito com as mãos trocadas, e sobrepóstas se se pretendeu sobrepôr as mãos em vez de as trocar.

O volteio do páu é tambem feito sobre a nossa cabeça.

Sarilho de cima

É este sarilho um dos mais vistosos, mas será talvez um dos menos seguros.

Partindo da mesma posição da Fot. n.º 1:

Recuando a mão direita, puxa o terço dianteiro do páu á mão esquerda, cujo braço se estende um pouco para a frente e para cima; no momento em que entra

a perna direita á frente, baixa a mão esquerda recuando o braço esquerdo, e avança o braço direito com a mão direita por cima, deixando escorregar entre os dedos a ponta delgada do páu para o proximo terço, como se n'essa posição pretendesse entrar na guarda por cima.

Repare-se que n'essa occasião se está com o pulso direito virado para baixo, e o esquerdo virado para cima.

Falta só largar a mão esquerda, e rodando o pulso direito de baixo para cima, o páu procura a guarda perfeita, indo a extremidade delgada procurar a mão esquerda, e ficando por consequencia na guarda de espera esquerda da Fot. n.° 2.

No retorno tudo é semelhante, até voltar á guarda de espera da Fot. n.° 1.

Este sarilho tambem se faz por outra fórma diversa, que é a seguinte:

Tudo como anteriormente se disse, mas, não chegando a pousar bem na guarda esquerda, em vez da mão esquerda pegar no páu pela extremidade delgada, pega-lhe um pouco mais acima (ahi por um pouco menos do terço), e depois volta á guarda direita, como se estivesse fazendo o sarilho traçado de cima com as mãos trocadas.

Dos sarilhos andando na circunferencia

É completamente util ter conhecimento d'este assumpto, que não está muito vulgarisado, para se poder jogar n'um recinto apertado.

Nos sarilhos feitos em taes condições, ambos os adversarios sahem, entram e ladeiam ao mesmo tempo e no mesmo sentido.

Se um adversario quer entrar emquanto o outro sae, é sinal de que os sarilhos duram pouco tempo, porque o terreno é pouco e não é justo que se conquiste tão pacificamente.

Passarei pois a tentar explicar o trabalho das pernas, que apenas em uma cousa se modifica, sendo o do páu o mesmo já explicado.

Ponto de partida á posição da Foto N.º 1, apezar de não é esta a unica guarda de espera, por onde pudessemos começar a expôr.

Ao lançar do troço do páu para a mão direita (como se explicou no sarilho de baixo em linha recta) devem ambos os adversarios sair um passo para traz pela esquerda, porque senão descobrem-se a distancia de poderem ser tocados, para depois, segundo as indicações já dádas, completar o sarilho até pousar na guarda esquerda.

N'esta altura trata-se de voltar ou continuar fazendo o sarilho, para terminar o trabalho do páu e das pernas na guarda direita:

Vou primeiro descrever a fórma defeituosa, para melhor marcar a fórma perfeita.

Na fórma defeituosa, fazem um simples passo da esquerda para a direita, atravessando a perna esquerda pela frente da direita, e portanto entrando por terreno em que se fica mal medido.

Na fórma perfeita, ao lançar o troço do páu na mão esquerda, que o espera de palma para cima á retaguarda, e emquanto se corre a mão direita á extremidade delgada do páu, e se está vendo o adversario por baixo do pulso, está recuando a pé direito para a mesma linha em que se encontra o pé esquerdo, com a distancia aproximada a um passo, e só depois d'isto é que, emquanto o páu entra na guarda de baixo para cima, a perna esquerda faz outro passo da esquerda para a direita e pela frente da direita.

Quem não sabe fazer este recuo da perna direita,

sente-se desiquilibrado quando quer ou precisa trabalhar sobre a circunferencia, e está sempre sujeito a ser alvejado em pessimas condições para se defender, porque entra n'uma posição dificil e n'um terreno improprio.

O adversario que sabe aproveitar isso, começa a apertar para o lado das cóstas do seu parceiro, facilmente se coloca no meio do recinto, e o jogo passa a ser mais difficil para quem não souber pisar e conservar a egualdade de circunstancias de defesa.

Tudo quanto se disse respeitante a este sarilho, se dá com todos os outros.

Sarilhos traçados da borda d'agua

Na altura competente faltou-me descrever estes sarilhos, que tambem se fazem procurando as guardas por baixo ou por cima, e por isso são chamados de cima ou de baixo.

O trabalho das pernas é sempre o mesmo, e o dos braços consiste no seguinte:

Trabalham sempre ambas as mãos de unhas abaixo.

Estando na guarda direita, puxa-se a extremidade grossa para a mão esquerda, e depois n'um movimento transversal da direita para a esquerda, fazendo fixe na mão esquerda, deixa-se correr o páu na mão direita, até chegar á guarda esquerda.

Para voltar á guarda direita faz-se o mesmo:

Corre-se a extremidade delgada á mão direita (visto que ha pouco se ficou na guarda esquerda, com o fino do páu para fóra) e com o movimento transversal da esquerda para a direita se chega á guarda direita.

É questão só de levantar ou abaixar a ponta do páu,

para procurar guardas altas ou baixas, e assim chamar ao sarilho traçado da borda d'agua, traçado de cima ou de baixo.

Ha quem tome as pancadas tambem com as guardas originadas d'estes sarilhos, com ambas as mãos de unhas abaixo.

Tambem ha quem diga, que quem usa páu com choupa de aço, toma as pancadas de unhas abaixo com o troço do páu, para depois voltando o pulso de palma para cima, de repente vir a ficar com o troço empunhado na mão direita, e por esta fórma metter a choupa, como se fosse uma pontuada vulgar.

Alguns sarilhos mais se fazem, mas geralmente são fantasias, mais ou menos vistosas, entrando alguns mesmo no campo da «jonglage».

Pancadas de tempo

Chamam-se pancadas de tempo áquelas em que tendo saido ou recuado (conforme o sistema de defesa adoptado na occasião) para tomar a pancada, essa tomada é feita tão branda, que empunhando as mais das vezes só com a mão direita, no momento em que a pancada incide sobre o nosso páu, aproveitamos o impulso dado pelo adversario, para responder com outra pancada pelo lado contrario.

E assim, ao tomar uma pancada por fóra, com qualquer das guardas, se responde com um rebate ou pancada por dentro, por cima ou por baixo.

E ao tomar d'um rebate ou pancada por dentro alta, se responde com uma pancada por fóra.

Com as pancadas tomadas em guardas baixas, tambem se póde fazer o mesmo, mas é bastante mais demorado e dificil.

Dos córtes

Os córtes, na minha humilde opinião, constituem uma maneira relativamente moderna de responder a pancadas não tomadas.

E digo relativamente moderna, porque vi jogar e dar lições, e joguei e tomei lições com alguns mestres e jogadores antigos, que comquanto jogassem muito bem, desconheciam o sistema de cortar.

O mestre Baptista Abelheira foi um grande jogador, a quem sobravam todas as qualidades precisas, principalmente recursos fisicos e valentia. Jogou por gosto e prazer por todo o nosso paiz durante a sua longa existencia, mas nunca o vi cortar.

O Sr. Pedro Augusto da Silva, que foi durante muitos annos professor de jogo de páu no Real Gymnasio Club e, segundo dizem, um dos discipulos prediletos do tão falado e grande mestre José Maria Saloio, tambem o vi durante muitos annos dar lições e fazer alguns assaltos, sem usar o dito sistema.

O mestre Lima, que tambem assistiu por toda a parte no nosso paiz, e portanto jogou com muita gente (e segundo ele dizia) foi em tempos contra-mestre d'um jogador, de nome monumental, José Florencio de Tagarro, tambem não conhecia os taes córtes.

Outro mestre que conheci bem velho, o mestre Almeida, estava nas mesmas circunstancias.

Tambem por vezes joguei com alguns discipulos do mestre José Maria Saloio, (alguns por sinal bem asperos e desejosos de fazer mal) mas nunca fui capaz de lhes descobrir a minima noção d'este assumpto.

O unico mestre antigo, a quem eu vi fazer algumas optimas guardas saidas, debaixo de jogo, e que tinha grande preocupação com a saida da perna, foi o mestre Pereira das Taipas; esse cortava, mas simplesmente

usando dos córtes em que se volta ao terreno em que se é alvejado, com a mesma perna que sahiu. Note-se porém, que isso é a bem dizer o mesmo, do que sair ás guardas sem tomar as pancadas, e responder rapidamente ás mesmas.

Algumas vezes em conversa particular com elle, que era um homem muito serio, modesto e valente, lhe ouvi opinião desfavoravel aos córtes a que elle chamava «do 95», que como já disse era o fallecido mestre José Dias, sendo por isso para o meu conceito, mais uma prova de que não lhe percebeu o valor.

Todos os jogadores ensinados pelos mestres antigos, alguns muito bons e valentes, censuravam as poucos que havia bem instruidos em córtes, mas eu vi-os algumas vezes seriamente atrapalhados, sem saber tomar os córter ou responder.

Quem me parece que talvez tenha sido o seu inventor, ou pelo menos herdeiro previlegiado de inventor desconhecido, foi o mestre Domingos Salreu, que os ensinou por completo, em tudo que lhe diz respeito, a bem poucos dos seus discipulos.

Nunca consegui desvendar n'ele o misterio de quem o tinha ensinado a cortar, e mesmo a cobrir-se tão manifestamente melhor do que outro qualquer. O proprio José Dias, seu antigo contra-mestre, viveu sempre na mesma ignorancia, apezar de ter conhecido os mestres Pimpão, Lares, João Confeiteiro, Brazete, José Maria Saloio, etc., que dizia terem ensinado o seu mestre Salreu.

Estou crente de que o mestre Salreu, como foi homem que durante muitos annos não fez outra cousa senão jogar o páu todos os dias, ao contrario de todos os outros, que tinham varios officios, teve tempo de sobejo para raciocinar e progredir á sua custa.

Pondo de parte a paternidade dos córtes, vou tentar explical-os, para que passem a ficar ao alcance de todas as bolsas.

O córte é uma pancada destinada a prejudicar activamente a effeito d'outra pancada.

O córte nasce, ou mais ou menos, ao mesmo tempo que a pancada do adversario, procurando attingil-o, ou logo em seguida á pancada passar a linha do nosso corpo (emquanto o adversario está terminando a pancada), ou é antecipado e alvejado o adversario antes da pancada chegar á linha do nosso corpo.

Cortes saídos—Fot. n.os 25 e 26

Referindo-me á posição da Fot. n.º 1, direi:

Nos córtes saídos, sai sempre a perna esquerda á retaguarda, descarregando o córte, com o páu empunhado só na mão direita. Claro está que o córte póde ser por dentro, por fóra, por cima, por baixo, enviusado, redondo ou arrepiado.

Corta-se a coberto quando o páu na formação do córte, passa pela guarda da pancada, que se pretende cortar.

Por exemplo: quando se corta uma pancada por fóra, com um córte tambem por fóra, o nosso páu passa pela guardo da Fot. n.º 16 (neste caso mais baixa), que nos poderia servir de defesa, no caso de escorregar, ser demorado, etc.

Corta-se a descoberto, quando se não observa este preceito, respondendo por exemplo, com um córte por dentro a uma pancada por fóra.

A Fot. n.º 25 representa um córte saído feito por fóra em resposta a uma pontuada.

A Fot. n.º 26 representa o córte por dentro saído em resposta tambem a uma pontuada.

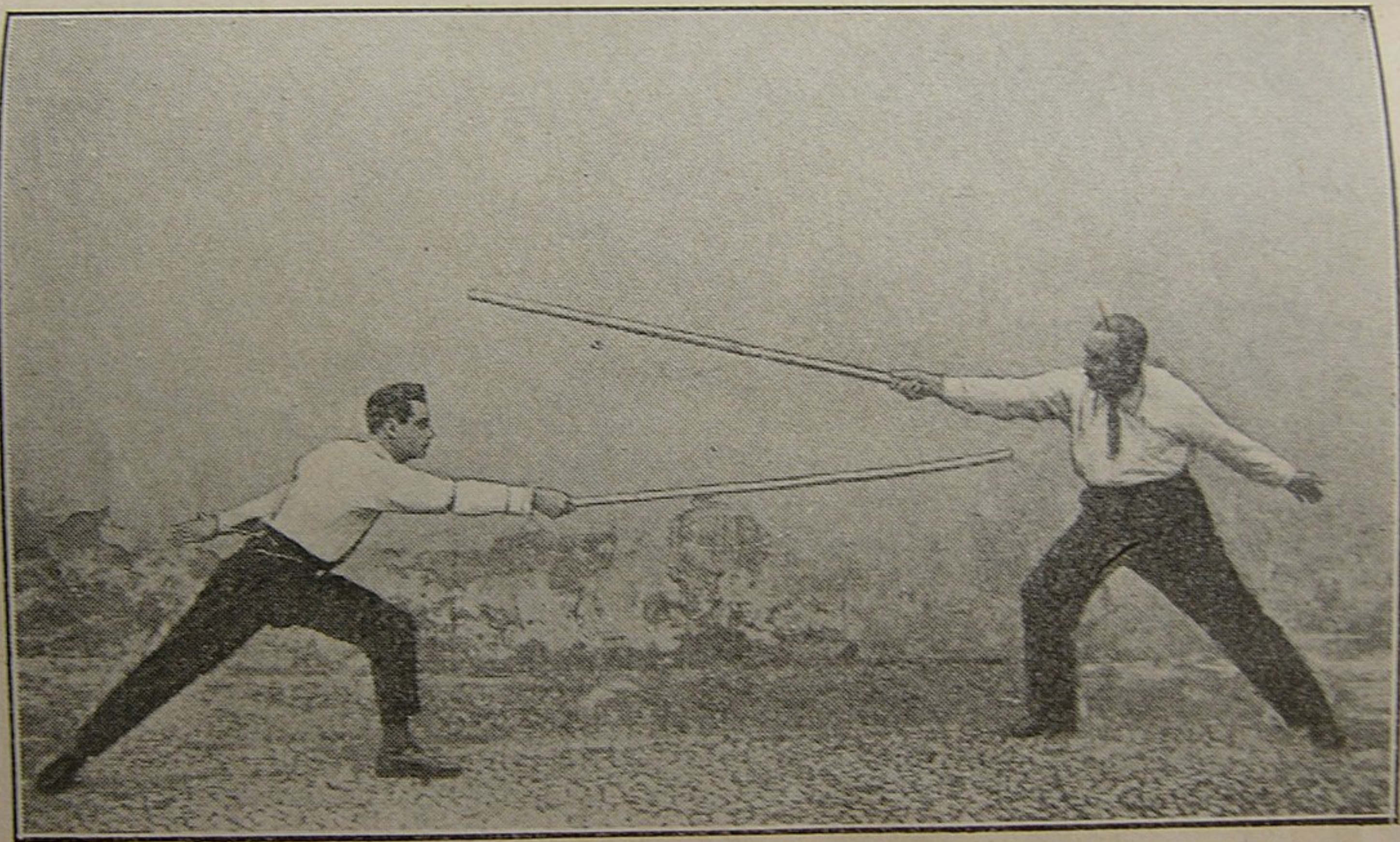



Foto. n.º 25 — Córtes saidos

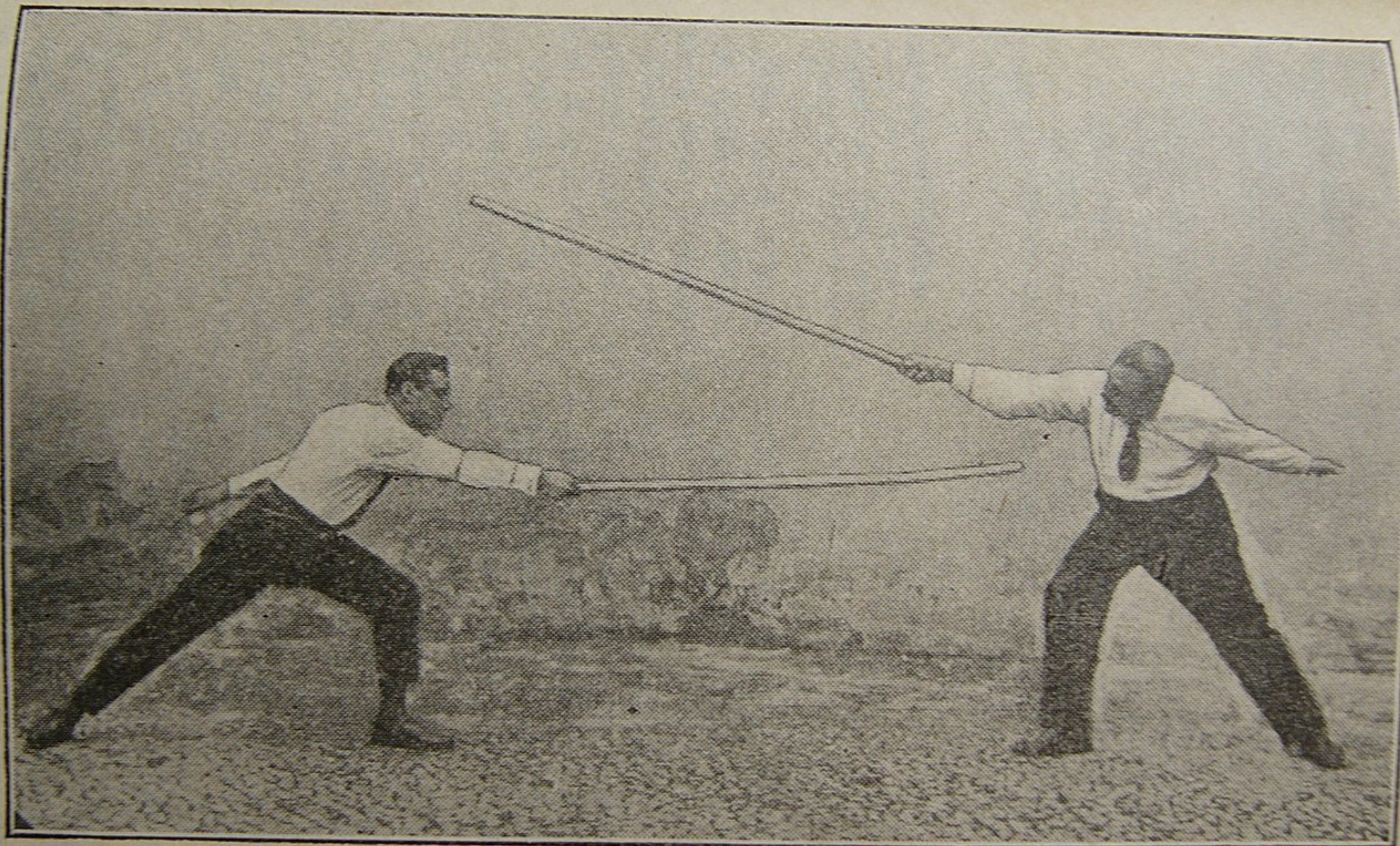



Foto. n.º 26—**Córtes saidos**

Córtes meio saídos e meio entrados

A unica differença que teem dos anteriores, é a seguinte: Em vez da perna esquerda saír a toda a largura do passo para traz da direita, sai apenas metade ou dois terços do que se disse, para entrar com o córte a perna direita a todo o alcance possivel.

Córtes entrados direitos e lateraes

São estes córtes direitos, quando o pé esquerdo sai para junto do direito, e avança com o córte a perna direita a todo o comprimento.

São lateraes, quando sai o pé esquerdo para o lado esquerdo (mais ou menos avançado conforme a vista indica) para cair a fundo a perna direita com o córte.

Córtando pelo lado contrario, passa a perna esquerda para o lado direito, pela frente da direita, para depois avançar a perna direita com o córte.

Quem méde bem as pancadas, chega a fazer um só recuo ou desvio lateral do pé esquerdo, para lançar o corpo sobre a perna direita, e isso, ou a direito ou um bocado desviado da linha do adversario.

Como se vê, em teoria é uma coisa muito simples, porque mais ou menos o trabalho dos pés é o mesmo que se fez emquanto se praticou nas guardas, mas o facto é que, se para os fazer é precizo ter a vista educada, para os defender é preciso tel-a delicada.

É indispensavel que cada um conheça o seu estado de adeantamento, para não pretender atacar com cousas, que não tem tempo para saber defender.

Devo tambem dizer, que a posição em que fica instantaneamente quem faz um córte entrado, é um bocado descoberta, e tem que fazer para conseguir rapidamente voltar á guarda.

Com a pratica tudo se consegue: chega-se a jogar com tal uso e abuso de córtes e recortes, e d'aquelles dos quaes se não póde despresar nem um, e em que um adversario chega a considerar-se feliz, quando consegue tomar algum.

Apezar de ter resolvido ao começar este trabalho, não fazer elogios pessoaes a ninguem, mas sim definir jogos, não posso deixar de me referir ao meu contemporaneo aprendiz e mestre, hoje já retirado tambem, Domingos Alves, (discipulo dos mestres Salreu e José Dias), pois não posso deixar de recordar com saudade os nossos costumados assaltos n'esse genero, e em que algumas vezes com muita satisfação fui tocado.

Chega talvez a occasião de dizer, qual a razão porque se não deve jogar com excessiva velocidade.

Só com muita pratica se consegue debaixo de jogo rapido, transformar uma pancada em parada.

Vou exemplificar com cousas simples:

Estamos fazendo uma pancada ao artelho por fóra. O adversario respondeu-nos com um córte enviusado tambem por fóra, a encaixar-se no nosso corpo, apontando orelha esquerda, ombro, braço, peito, perna ou pé. Se o córte fôr rapido, a nossa pancada já não póde seguir o rumo costumado até o fim, para ir terminar em descanço na nossa mão esquerda, que costuma esperar o páu, pendida e lançada um pouco para traz.

Teremos de não completar a pancada, e sahir a perna, acudindo com qualquer das guardas n.º 16 ou n.º 15 com uma mão só.

Se fazemos uma pancada redonda por fóra, e somos cortados por dentro, a pancada será logo transformada em qualquer guarda direita, etc.

Mesmo quando a fase do jogo esteja em córtes e recortes, a velocidade maxima a imprimir ao páu, é só quando elle passa na linha do adversario, e logo se modera para não haver tanta difficuldade em ser senhor do páu e dár-lhe a direcção que nos convêm para atacar pelo lado descoberto.

Recortar é responder com um córte a outro.

A teoria é sempre a mesma: emquanto se dá passagem ao córte, está nascendo o recorte.

A melhor posição para despedir os córtes, é com a perna direita á frente. Junta-se assim ao comprimento do braço a largura do peito.

Córtes em que se volta ao mesmo terreno

Fazem-se estes córtes, tal e qual como toda e qualquer resposta, em que se tivesse saido á guarda, como se indicou quando se tratou de pancadas simples, só com a differença de que se não tómam as pancadas, e são quasi sempre feitos com a perna esquerda á frente.

Algumas pessoas ao fazerem estes córtes, fiando-se na vista e na falta de saber do adversario em aproveitar o seu alcance, respondem com estes córtes, mal saindo ou mesmo não saindo do sitio em que são alvejados. Outras vezes se a pancada é por baixo, levantam só o pé, e chegam mesmo a levantar só o bico do sapato, para a pancada passar.

Tudo isto é sinal de vista educada, mas pouco classico.

Deve sempre sair o passo, como se se aproveitasse da guarda, e tornar a entrar rapidamente com a perna esquerda (n'esta maneira de cortar).

Em todas as maneiras de atacar, quer seja com pancadas simples ou entradas, ou seja com córtes ou recortes, nunca se deve ser tão impulsivo na entrada, que se sinta contrariada a saida.

Córtes entrados e antecipados — Fot. n.º 27

Estes córtes pódem-se fazer logo que se vê um ameaço ou finta, ou pancada esboçada, fazendo uma outra mais rapida e poderosa, sem fazer caso da primitiva. (Fot. n.º 27). Não ha que recear um *coup double*, porque o primeiro adversario, (supondo que sabe bem o que lhe compete fazer), sai a guardar-se, ou para tornar a entrar com pancada ou recorte.

A posição n.º 6 tambem é predilecta para os córtes entrados, crescendo, recuando, e ladeando (adaptação do sistema antigo) mas tendo sempre o cuidado de dár passagem aos córtes, ou com saidas da perna direita, ou ladeando se elles são bem enviusados, e n'esse caso passamos a vel-os cair no chão ao nosso lado.

Da fórma de fazer os cumprimentos

Apezar de se tratar apenas d'uma formalidade, em que os adversarios se cumprimentam e saúdam os assistentes, a pratica tem demonstrado, em casos bem para lastimar, que n'esse acto tão simples, tambem é conveniente não despresar todas as boas regras do jogo.

Os adversarios aproximam-se de frente e na posição da guarda de espera n.º 1, até se encontrarem bem medidos, em seguida ou estendem o braço direito para a frente e para baixo, saindo ao mesmo tempo com a perna esquerda, por fórma a que os troços d'ambos os páus se toquem e toquem no chão, ou então chegarão ao mesmo fim tendo volteado os páus por cima do ombro esquerdo e por detraz das cóstas.

Foto. n.º 27 — Córtes entrados e antecipados (cortando uma pancada enviusada por fóra com um córte antecipado, avançado e enviusado)

Conservando a mesma posição, isto é, ainda com a perna esquerda saida, tocam os troços dos páus por cima, com os braços direitos bem estendidos, continuando a empunhar só com a mão direita. Entram depois ambos com a perna esquerda á frente, voltando á guarda de espera n.º 1. Tornando a sair com a perna esquerda, tornam a estender para a frente os braços direitos, empunhando só com a mão direita.

Sem mudar de posição de pernas, com o páu empunhado verticalmente, descreve o braço um quarto de circulo sobre o nosso lado esquerdo, a cumprimentar a assistencia por esse lado, depois, ao mesmo tempo que sai a perna direita á retaguarda, o braço direito sempre empunhando o páu verticalmente, descreve um arco de mais de meia circunferencia, transportando-se do lado esquerdo para o direito, a fim de cumprimentar a assistencia do lado direito.

N'esta altura encontra-se o páu empunhado verticalmente, e o braço direito completamente estendido para traz, paralelo com o chão.

Deixando descair o troço do páu para traz e para baixo, curvando ao mesmo tempo o braço, por fórma a aproximar o pulso do ombro, e avançando a perna direita á frente para acompanhar a entrada do páu de baixo para cima, até voltar á posição em que anteriormente esteve (como se fosse a da foto. n.º 6 com os braços direitos estendidos).

N'essa posição faz-se voltear o páu tres vezes seguidas, como se fossem tres rebates, mas ao principiar a terceira volta, damos saida á perna direita por fórma a terminar o final do ultimo volteio na nossa mão esquerda, e assim nos encontramos perfeitamente na guarda de espera do Foto. n.º 1.

Assim se devem fazer os cumprimentos, sempre em egualdade de circunstancias para ambos os adversarios ambos entrando e saindo ao mesmo tempo.

Como exercicio e verificação de boa medida, póde indistinctamente entrar um adversario emquanto o outro sai, mas é desagradavel á vista, e com um estranho, torna-se incorrecto.

Emquanto se fazem os cumprimentos, ninguem se deve voltar para traz, ou preocupar-se tanto com as cortesias ao publico, que deixe de fixar a sua atenção no adversario.

Mestre Domingos Salreu, quando tal observava, costumava dizer, que nunca se devia tirar *a luneta* de cima do adversario.

Tinha toda a razão, porque ao grande mestre o jogador Baptista Abelheira consta que alguem partiu a cabeça, aproveitando o descuido nos cumprimentos ao publico.

Duas palavras sobre este jogo

Quem souber fazer as pancadas já descritas, bem como as diversas guardas, e tudo isso pelas formas genericas em que me referi, sabe jogar. Mas para aprender e praticar, é preciso fazer uns exercicios, especie de temas, a que uns chamam series, outros frases, e outros fazem-as e ensinam-as sem lhes dár nome nenhum. Vou primeiramente descrever alguns dos exercicios praticados pelo mestre Salreu, em que se observa um belo metodo progressivo de ensino.

Exercicios praticados pelo mestre Salreu

Começava pelos cumprimentos, porque queria que todos os seus aprendizes fossem sempre tão delicados, como ele de facto era, pois dizia no seu dizer jocoso, que os brutos só servem para espantar a caça.

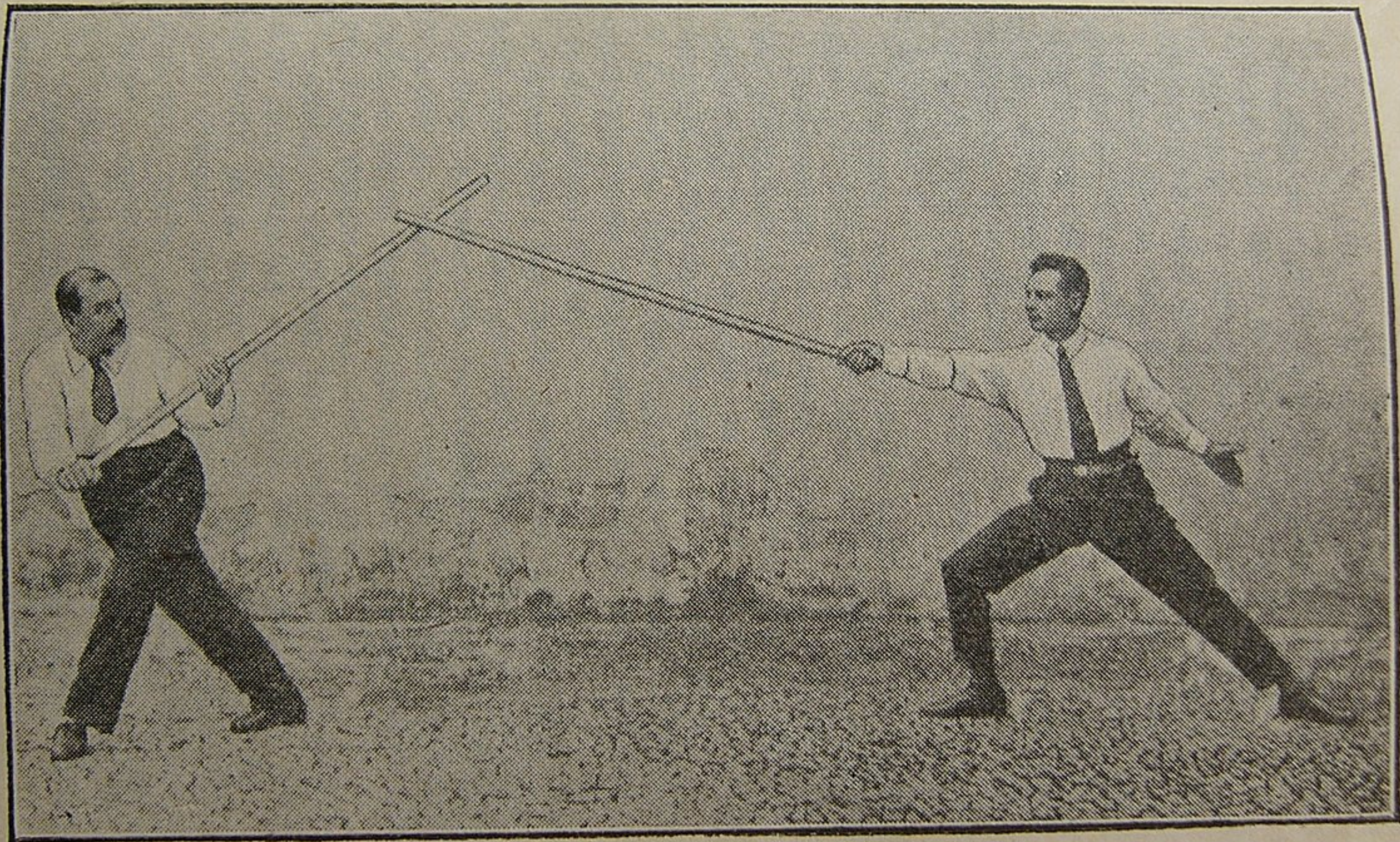



Foto. n.º 28 — **Pancadas nascidas da retaguarda ou viracostas (guarda saida pela direita)**

Passava a explicar e a fazer executar cada uma das pancadas simples e já explicadas na posição n.º 1.

Emquanto o aprendiz fazia essas pancadas, ia-lhe mostrando as suas guardas, ora recuadas ora saidas.

Depois fazia ele as diversas pancadas, ensinando ao aprendiz as mesmas guardas. Fazia a aplicação das pancadas e guardas mais simples, primeiro pelo sistema de recuos, e depois pelo sistema de saidas de perna.

Passava a explicar como se anda na circunferencia, e adequava este sistema tanto a pancadas, como a guardas e sarilhos.

Começava depois a pratica com series de duas pancadas, mas sempre na posição n.º 1, que é a mais vulgar.

Essas series são tantas, quantas se pódem fazer com duas pancadas identicas ou diversas, mas sendo a primeira curta e ameaçada ás mãos ambas, e a segunda comprida e descarregada com uma mão só.

Quem já leu a descrição anteriormente feita de todas essas pancadas, facilmente discorre as multiplas series que se pódem fazer.

Exemplos: pancada ameaçada redonda por fóra, rebate descarregado; pancada ameaçada redonda por fóra, e a mesma pancada descarregada; rebate ameaçado, e pancada ao artelho descarregada por fóra; rebate ameaçado, e ponta descarregada; ponta ameaçada e pancada por fóra descarregada, alta ou baixa, etc.

Assim o discipulo tem muitissimas occasiões de praticar em pancadas e guardas, bem como em ganhar o equilibrio para saber andar sobre a circunferencia.

O mesmo sistema de series de duas pancadas, serve para mais tarde, quando estiver bem desenvolvido em jogo coberto, começar a aprender a cortar, com córtes saidos á pancada descarregada, de cada serie de duas pancadas.

Aprenderá depois a cobrir-se, em circunstancias inversas, etc.

Recomendava ser conveniente estár habituado a fazer

os ameaços ás mãos ambas, para mais facilmente encontrar as guardas, quando os ameaços são cortados.

Tambem se pódem descarregar algumas vezes as pancadas altas ás mãos ambas, sem grande inconveniente, mas as pancadas baixas não devem nunca ser assim feitas.

Passava depois a series de pancadas, começadas na posição esquerda, sendo a mais vulgar com o páu para traz (fot. n.º 4) ou páu empunhado com uma mão só (fot. n.º 6) ou com as mãos sobrepostas (fot. n.º 3) ou das mãos trocadas (fot. n.º 2) de que só usava para explicação, porque tendo que fazer a mudança de mãos para empunhar com a mão direita, a achava muito demorada.

Duas pancadas. A primeira lateral á cabeça ou ao corpo ou á perna, redonda ou levemente arrepiada (sem entrar nem sair) mas crescendo ou recuando, seguida de rebate saido.

Claro está, que logo a primeira pancada, póde ser tomada ou cortada, mas o mestre para deixar exercitar o discipulo gradualmente, em principio deixa passar a primeira pancada, e só entra debaixo do rebate.

Mais tarde passa a tomar-lhe a pancada, e tudo varia; e mais tarde ainda passará a cortar-lhe a primeira pancada, depois d'ella passar na linha ou antes d'isso, etc.

Tres pancadas. N'esta serie, que como a anterior e todas as seguintes começa na posição esquerda com o páu para traz, pancada lateral á fonte redonda ou levemente arrepiada, seguida de pancada ao artelho tambem por dentro e na mesma posição, seguida de rebate saindo com a perna direita para a retaguarda.

Tomando em consideração o que se acabou de dizer com a serie anterior, a primeira pancada é mais curta, serve para praticar a segunda a todo o comprimento, e para aprender a acrescentar o passo até alcançar o pé ou perna do adversario (mas o mestre tambem não se cobre n'essa pancada para deixar livre o páu (do discipulo) saindo então com o rebate.

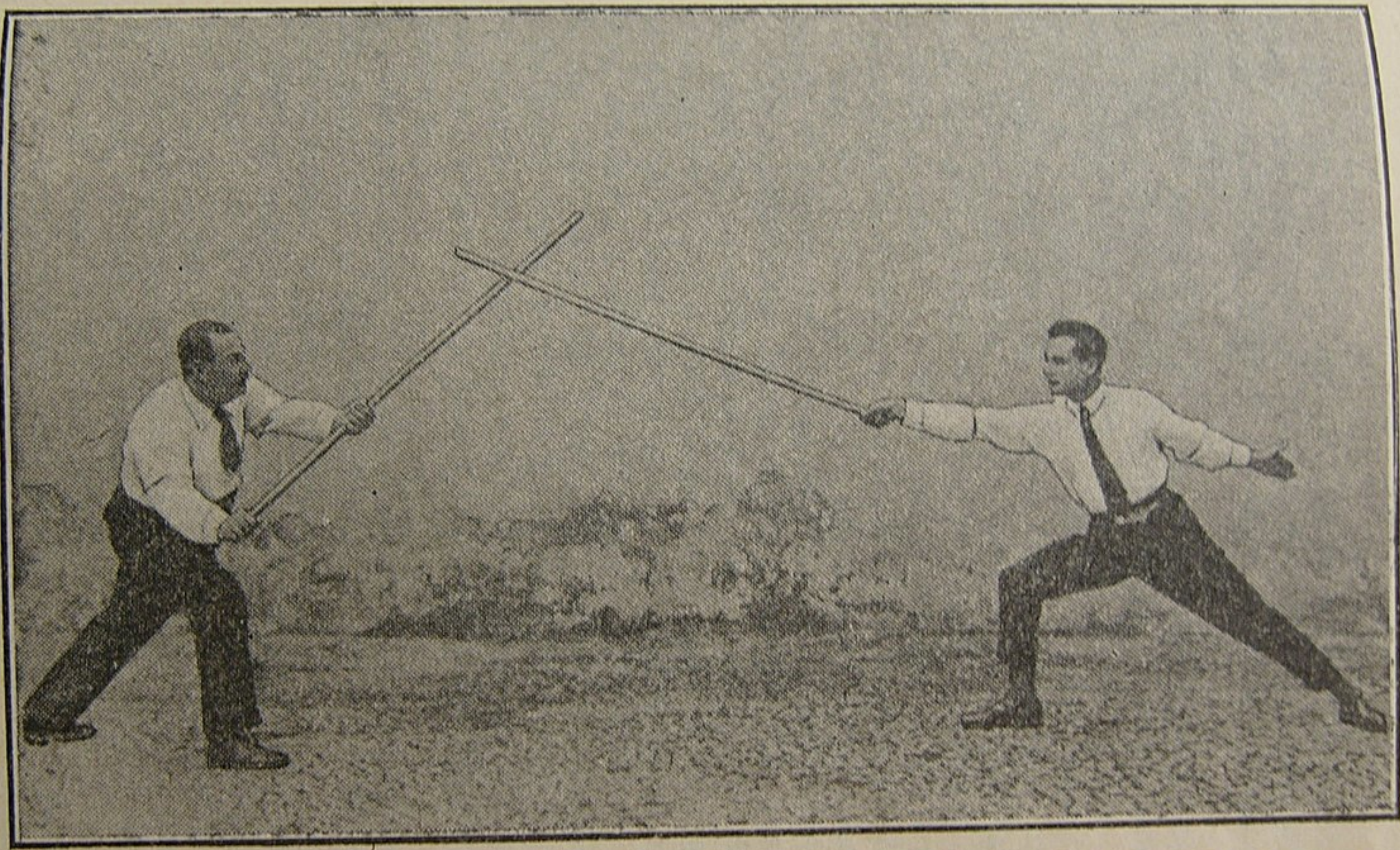



Foto. n.º 29 — Pancadas nascidas da retaguarda ou viracostas (guarda saida pela esquerda)

Em compensação, quando chegar a vez do discipulo fazer o que se disse, já tem bastante que aprender para deixar passar esta segunda pancada, e entrar debaixo do rebate saido.

Quatro pancadas. Da mesma posição a mesma pancada alta e redonda por dentro, seguida de rebate ameaçado saido, caindo na mão esquerda. Passa o páu da guarda n.º 1 para o n.º 7 a fim de melhor passar o viracostas (que entrado, consiste em o corpo fazer meia volta sobre a esquerda, e saido consiste em o corpo fazer meia volta pela direita sobre a perna direita) percebe-se que se voltou a estar na mesma posição em que se fez a primeira pancada. A terceira pancada é, outra pancada por dentro, mas baixa, ao artelho. E a quarta é um rebate descarregado ao mesmo tempo que sai para traz a perna direita.

Cinco pancadas. Fazem-se as primeiras tres pancadas como já se disse, crescendo ou recuando nas duas primeiras, em que o corpo está na posição esquerda, e entrando ou saindo com a perna na terceira, que é o rebate, conforme a distancia em que o adversario se encontra. Verificada essa distancia, passa-se o viracostas, entrado ou saido, conforme se acabou de explicar, para em seguida descarregar como quarta pancada, uma pancada por dentro e por baixo, seguida da quinta que é o rebate saido.

Seis pancadas. Não são mais do que duas series de tres pancadas, já descritas, separadas por um viracostas, entre a terceira e quarta pancada.

Servem tambem para se praticar em avanços e recuos (emquanto se fazem as pancadas da posição esquerda, isto é com a perna direita á frente) ou para ladear n'essa posição emquanto se fazem as pancadas, e para praticar na fórma de passar o viracostas entrado, saido ou ladeado, de maneira tal, que quando chegamos á quinta pancada, estejamos tão bem medidos com o adversario, que essa pancada o alcance, e emquanto fazemos as

outras pancadas nunca tenhamos estado tanto ao alcance do seu páu, que fosse obrigado a tomar-nos as pancadas, ou a surpreender-nos com algum córte.

Depois da pratica bem adquirida n'este sentido, se o adversario nos atacar emquanto pretendemos fazer a serie, não ha surpreza nenhuma, e o jogo continua da mesma maneira.

Sete pancadas. Saindo da mesma guarda de espera, pancada redonda alta por dentro, seguida de rebate ameaçado saído ou entrado, baixa-se o páu á posição preparatoria do vira-costas, entrado, saído ou ladeado. Depois de passado o vira-costas, avança a perna esquerda com uma ponta nascida da guarda baixa em que vinhamos. (Podemos ter que fazer o mesmo saindo com a perna direita).

Á defesa natural do adversario á dita ponta, (se é que a fez) é seguida uma nossa pancada por fóra e redonda (quarta pancada). A quinta pancada, da esquerda para a direita, é a nossa defesa real ou imaginaria d'um rebate ou pontuada, que recebemos em resposta á nossa quarta pancada.

O seguimento d'esta nossa defesa ou quinta pancada, será uma sexta pancada por dentro ao artelho, e a setima um rebate saído, ou saltando fóra, para, querendo, conservar a posição direita em que se encontrava.

Mesmo em simples exercicio, para variar e com mais seguras defesas, se faz a quinta pancada com a perna esquerda saída, a sexta pancada tambem com a perna direita á frente, e se essa sexta pancada fôr tomada, ou se faz o córte saído por fóra, ou se salta para traz com o rebate.

Oito pancadas. São as quatro primeiras, como já fôram explicadas, e aqui aproveitadas para a pratica de crescer, recuar, ladear. etc., até nos encontrarmos na posição direita. (Veja as quatro pancadas, mas não confundir com as primeiras quatro das sete pancadas).

As restantes quatro pancadas, são como as ultimas

quatro das sete pancadas. (N'estas não entra em scena, a entrada ou saida da perna com a pontuada).

N'um trabalho em que se pretende apenas apresentar umas noções fundamentaes do que deve ser o jogo do páu, impossivel é descrever com minuciosidade, a diversidade de cousas que continuamente se succedem, e as multiplas maneiras de as aproveitar e contrariar, mas o raciocinio de quem se dedique a esta esgrima, suprirá essa falta.

Não direi pois mais nada quanto ao ensino do mestre Salreu, que usava em jogo fazer e escalpelar todas as outras series de pancadas observadas em outros jogos, mas por elle adaptadas ás circunstancias, com as guardas e córtes de que usava, e ao que já me referi.

Passarei pois, e isso para terminar esta empreitada em que gostosamente me metti, mas para a qual não só me falta competencia mas tambem tempo, a descrever as series de pancadas colligidas pelo sr. Pedro Augusto da Silva, primeiro e muito antigo professor de jogo de páu no Real Gymnasio Club, e que só com o seu muito gosto, deligencia e extraordinaria persistencia, conseguiu introduzir na nossa classe burgueza este exercicio desportivo exclusivamente portuguez.

Series de pancadas colligidas pelo sr. Pedro Augusto da Silva

1.ª serie. (Nasce da guarda direita, foto n.º 1)— Avançando com a perna direita, pancada redonda por fóra á fonte esquerda do adversario. (Esta pancada não deve passar d'um ameaço ás mãos ambas, e não deve seguir além da linha do adversario). Na posição em que se ficou, pancada redonda ao artelho por dentro, seguida de rebate em que a perna direita volta a sair para traz da esquerda.

Observação. Com o devido respeito pelo saudoso professor, não posso deixar de dizer, que a sua primeira serie de pancadas, por diversas razões não devia ser collocada em primeiro logar. Querendo respeitar a ordem do seu trabalho, póde-se adaptar, fazendo logo de principio ao seu discipulo comprehender, que, conforme a distancia a que está o seu adversario, terá muitas vezes de fazer a primeira pancada, saida em vez de entrada.

2.ª serie. (Nasce da guarda esquerda, páu para traz, foto. n.º 4) — São as tres pancadas ja explicadas, no jogo do mestre Salreu.

3.ª serie. (Nasce da guarda direita, foto. n.º 1)— Pancada á fonte ameaçada ás mãos ambas por fóra, rebate ameaçado ás mãos ambas, seguido de viracostas avançado descarregado por baixo, e rebate saido.

4.ª serie (Nasce da guarda direita, foto. n.º 1)— Como uma mão só.

Duas pancadas por fóra, sendo a primeira encurtada, redonda, alta e fóra do alcance do adversario, e a segunda descarregada, baixa ao artelho.

5.ª serie. (Nasce da posição esquerda, foto. n.º 2) —Correndo a mão direita á extremidade delgada do páu, rebate ameaçado com um passo para a frente, a cair na mão esquerda, seguido de pancada por dentro ao artelho, seguida de rebate saltando para traz.

6.ª serie. (Nasce da posição direita, foto. n.º 1)— Pancada redonda por fóra, ás mãos ambas, ou com uma só mão. (Costumava com outra pancada da esquerda para a direita, varrer as respostas costumadas de rebate ou ponta, e depois saltar para traz com mais um rebate).

7.ª serie. (Nasce da posição direita, foto. n.º 1)— Esta serie era como a quarta, mas toda ás mãos ambas, e a segunda pancada em vez de ser redonda ao artelho, ia apontado á perna.

Servia para o adversario, depois de se cobrir e tomar a segunda pancada, atacar com ponta, e o que tinha

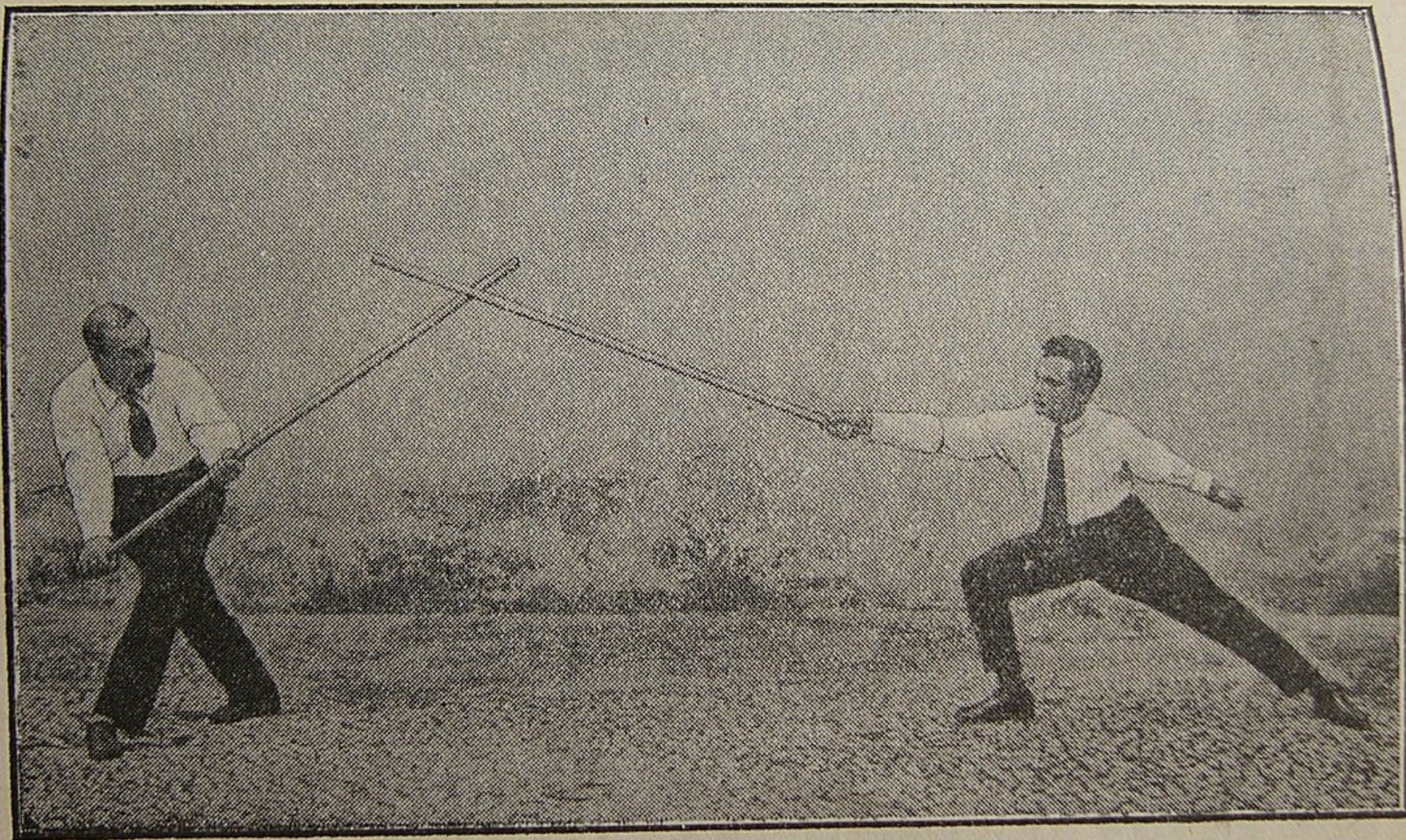



Foto. n.º 30 — **Pancadas nascidas da retaguarda ou viracostas (guarda lateral direita)**

feito a serie, saltava para traz, pretendendo fugir ao alcance da ponta, e cortal-a com um rebate.

8.ª serie. (Nasce da posição direita, foto. n.º 1) — O mesmo que a terceira serie, com a diferença de que os dois primeiros ameaços, em vez de serem feitos ás mãos ambas, são feitos só com a mão direita, mas no final de cada um, a mão esquerda estava esperando o páu, com a palma da mão aberta, e por isso lhe chamava pancadas palmadas.

Uma vez passado o viracostas, descarregava a pancada por cima, em vez de ser por baixo, como na terceira serie, e finalmente terminava com rebate.

9.ª serie. (Nasce da posição esquerda, páu para traz. Fot. n.º 4) — Rebate ameaçado com um passo (acrescentado ás vezes com um pulo sobre a perna direita), descançando na mão esquerda, seguido de ponta descarregada.

10.ª serie. (Nasce da posição esquerda, páu para traz. Fot. n.º 4) — É uma variante das quatro pancadas (descritas no jogo do mestre Salreu), dando a todas elas a fórma de rebate.

No primeiro volteio sem mecher as pernas, traz o páu da posição primitiva a passar pela guarda esquerda das mãos sobrepostas, no segundo volteio em que faz um completo rebate ameaçado ás mãos ambas, entra com a perna esquerda para a frente. Passa o viracostas e repete tudo, mas descarrega só com a mão direita o ultimo rebate.

11.ª serie. (Nasce da posição esquerda, páu para traz. Fot. n.º 4) — Pancada redonda á fonte (sem avançar nem recuar, mas fóra do alcance) rebate ameaçado avançando ou saíndo um passo, e pancada descarregada por fóra ao artelho.

12.ª serie. (Nasce da guarda esquerda, empunhando só com a mão direita Fot. n.º 6) — N'essa posição rebate fintado á cabeça, para entrar com pancada

ao artelho por dentro (ou sair com essa mesma pancada), seguida de rebate saltando para traz.

13.ª serie. (Nasce da guarda direita. Fot. n.º 1) — Ponta ameaçada ás mãos ambas, tendo avançado a perna direita por traz da esquerda (posição perfeitamente egual em trabalho de pernas ao da retaguarda saída, mas feito em local menos apropriado).

Passava então o viracostas a que chamava impropriamente pirueta, vindo a ficar na posição esquerda de guarda baixa (com o troço do páu para baixo).

Avançava, meio recolhida a perna esquerda, com uma ponta fintada, para em seguida cair a fundo com a dita perna e uma segunda ponta descarregada.

Quando lhe faltava o terreno, depois de ter ameaçado a ponta ás mãos ambas, com a perna direita por traz da esquerda, tornava a sair a perna direita para traz da esquerda, e fazendo viracostas saido pela direita, tornava a sair com a perna esquerda pela frente da direita.

Assim se encontrava na posição de guarda esquerda, para completar a serie com as duas pontas já descritas.

14.ª serie. (Nasce da guarda direita, fot. n.º 1) — Duas ou quatro voltas de sarilho de cima, com ponta extraida do dito sarilho, ao entrar na guarda direita.

15.ª serie. (Nasce da guarda direita, fot. n.º 1) — As mesmas voltas do mesmo sarilho, e rebate extraido pela mesma fórma.

16.ª serie. (Nasce da guarda direita, fot. n.º 1) — Uma pancada redonda e avançada com um passo á frente por fóra, seguida de outra pancada por dentro e por cima tambem avançada com um passo, fazendo ambas as pancadas ás mãos ambas.

17.ª serie. (Nasce da guarda direita, fot. n.º 1) — Esta serie representava as mesmas duas pancadas, tambem ás mãos ambas, mas sem avançar o passo, e fazendo-as por baixo á altura da perna, em vez de ser por cima.

Foto. n.º 31 — **Noção da distancia**

18.ª serie. (*Nasce da guarda direita, fot. n.º 1*) — Dois rebates seguidos e ameaçados ás mãos ambas, e dois revessos por fóra, sendo o segundo descarregado. (Chamava revessos ás pancadas arrepiadas).

19.ª serie. (*Nasce da guarda direita, páu para traz, fot. n.º 5*) — Sem mecher as pernas, e trazendo o troço do páu de traz para diante e por cima, encontra-se a posição de guarda direita *com as mãos trocadas e sobrepostas,* (é este o primeiro movimento do páu n'esta serie) segue o volteio do páu, como se fosse um rebate feito pela esquerda de quem o faz, mas sempre ás mãos ambas sem nunca largar o páu, e ao mesmo tempo a perna esquerda recúa, ou avança a direita.

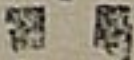
Assim nos encontramos em posição de guarda esquerda, com as mãos trocadas e sobrepostas.

Corre a mão direita a empunhar o páu pela extremidade, para em seguida fazer dois revessos por dentro, e rebate saído.

20.ª serie. (*Nasce da guarda direita, páu para traz, fot. n.º 5*) — Tudo egual á anterior até á altura em que empunhou o páu só com a mão direita. Depois em vez dos revessos por dentro, acima mencionados, faz uma pancada por dentro ao artelho, seguida d'um rebate ameaçado entrado ou saído a caír na mão esquerda.

Tendo assim encontrado a posição direita, faz agora dois revessos por fóra, sendo o primeiro curto e o segundo descarregado.

21.ª serie. (*Nasce da guarda direita, foto. n.º 1*) — Ponta ameaçada ás mãos ambas, na mesma posição em que se mostrou na decima terceira serie, com o tal vira-costas, a que chamava pirueta, com pancada descarregada por dentro por baixo ou por cima, seguida de rebate saltando para traz.

22.ª serie. (*Nasce da posição direita, foto. n.º 1*) — Ponta apontada pelo lado esquerdo do páu do adversario,

a que chamsva ponta entre a cara e o páu, seguida de pancada por dentro por cima.

23.ª serie. (Nasce da guarda direita, foto. n.º 1 — Em resposta a um rebate, salto sobre o lado direito, com uma pancada por fóra varrendo o páu do adversario, ficando com a perna direita á frente, e a esquerda á retaguarda.

Se o adversario, como é natural, aproveita o impulso do nosso páu, para responder com outra pancada por dentro, faz-se outra varredela da esquerda para a direita e segue-se o rebate pulando para traz.

24.ª serie. (Nasce da posição direita, foto. n.º 1) — Deveras atrapalhado me confesso ao descrever esta serie, porque não me recórdo de a ter visto fazer, e pouco tambem me recordo das explicações que sobre ella pedi ao meu amigo e primeiro mestre Arthur dos Santos. Mas emfim lá vae, e ele que rectifique, tanto n'isto como em qualquer outro ponto que entenda fazer, visto que lhe não falta a competencia.

Em resposta a uma pancada redonda por fóra, faz-se outra tambem por fóra a varrer a primeira, e se o adversario responde com pancada baixa por dentro, responde-se com outra pancada alta por cima.

25.ª serie. (Nasce da posição esquerda, páu para traz, foto n.º 4) — Pancada á fonte por dentro e redonda, rebate saído e ameaçado a terminar na mão esquerda. Retaguarda saída completamente para traz, com pancada descarregada redonda á fonte, e rebate ameaçado entrado ou saído.

Mais duas pancadas por fóra, redondas, sendo a primeira fintada e curta e ás mãos ambas, com a perna esquerda encolhida, e a segunda descarregada, tendo caído a fundo com a perna esquerda.

26.ª serie. (Nasce da posição esquerda, páu para traz, foto. n.º 4) — É aproximadamente o mesmo trabalho, entrado em vez de ser saido, e feito rapida-

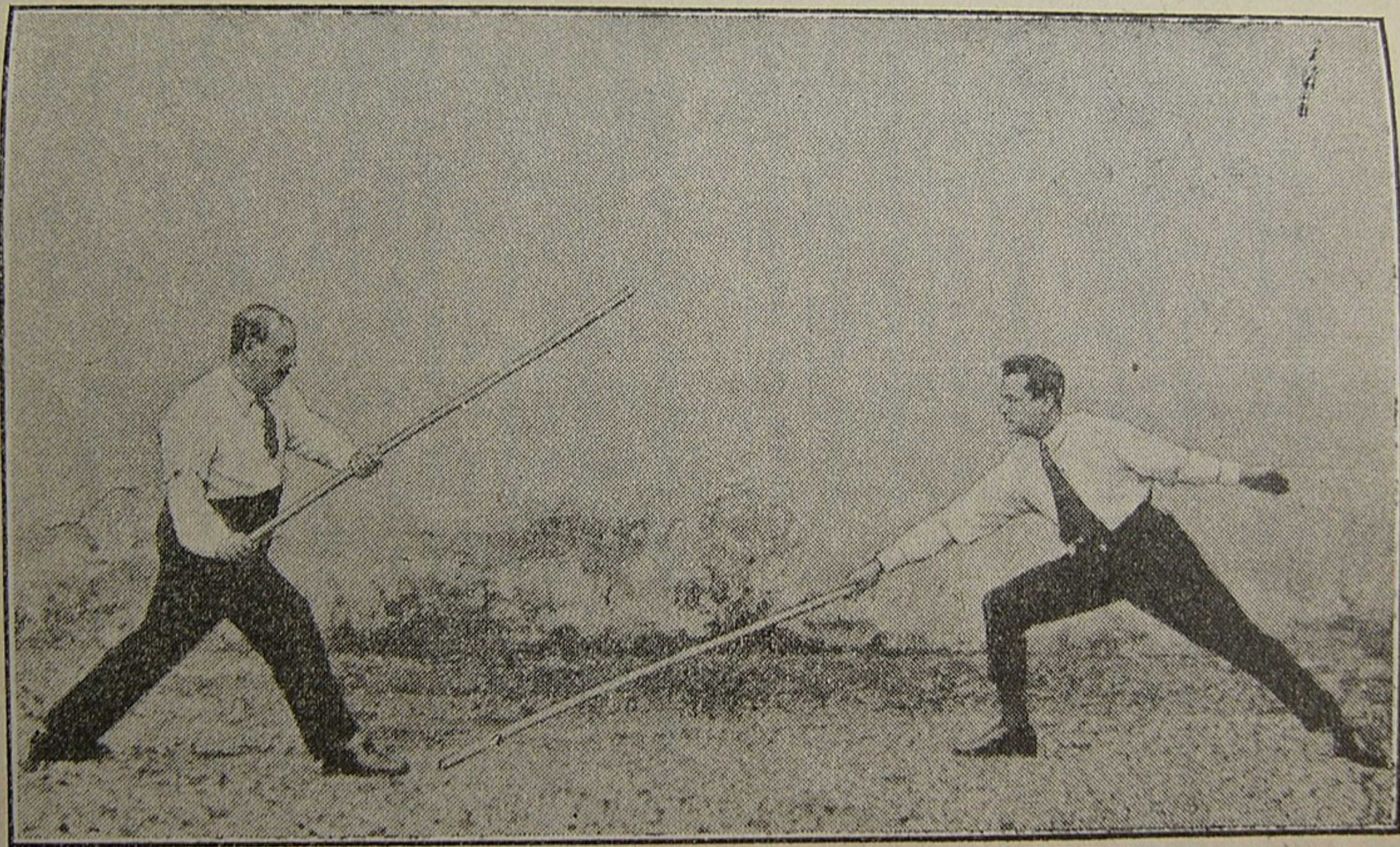



Foto. n.º 32 — **Noção da distancia**

mente com uma pirueta completa, antes de ameaçar a pancada encurtada por fóra, que depois é descarregada pelo mesmo lado.

Observação. Na ordem em que estas series foram descritas, por engano a decima terceira ocupa o logar da vigessima primeira e vice-versa.

Algumas considerações sobre a maneira de adaptar em jogo a primeira serie de pancadas do sr. Pedro Augusto da Silva

Como se disse esta serie consta das seguintes tres pancadas:

1.º — Pancada ameaçada mas avançada por fóra e ás mãos ambas, até á linha do corpo do adversario.

2.º — Pancada descarregada por dentro ao artelho, com uma mão só e feita na posição em que ficou ao fazer a primeira pancada, isto é, com a perna direita á frente, acrescentando o passo se tal fôr preciso, para aproximar do adversario.

3.º — Rebate com uma mão só, saindo ao mesmo tempo com a perna direita para traz da esquerda

São inumeras as hipoteses que o professor póde apresentar ao discipulo, encontrando-se no estudo e pratica d'elas, o encanto d'este jogo, quando auxiliado pelo raciocinio, variando e progredindo nas suas fases, e fugindo á monotonia propria d'aqueles que só sabem dançar da banda da papeleira.

A primeira pancada é um ameaço avançado. (Os ameaços não avançados, não devem ser feitos caindo a

fundo, porque então deixariam de ser ameaços, e n'esse caso necessitariam de se lhe fazer parada, ou o que é ainda mais prudente, devem-se cortar).

Porém aqui trata-se d'um ameáço avançado, ao qual pelo menos tem de corresponder uma guarda saida.

Exemplos das consequencias do ameaço avançado, de que se trata:

1.º — Qualquer das guardas saidas: Das mãos trocadas da foto. 13, das mãos sobrepostas da foto. 15, ou a mesma guarda com uma mão só, á ponta do páu foto. 14, guarda do páu obliquo da foto. 16, guarda saida pela mão direita da foto. 21, ou as guardas recuadas adaptaveis, isto é, aquelas em que o corpo se não tenha que virar para o lado esquerdo.

2.º Uma vez coberto o ameaço por qualquer das guardas indìcadas, não faltam maneiras de responder, com qualquer pancada ou ponta.

3.º — Caso pretenda cortar, tambem se póde isso fazer, saindo ou ladeando, por dentro ou por fóra, por baixo ou por cima, etc., ou com corte antecipado e avançado.

No caso de se fazer uma simples parada, (sem resposta ao referido ameaço), tem logar a segunda pancada, por dentro ao artelho, na qual o praticante deve acrescentar o passo, para alcançar o adversario.

Essa segunda pancada é vulgar não ser tomada, mas sair-se-lhe apenas na guarda de cima, com guarda lateral ou saida.

Se se não tomou essa pancada, o adversario que a fez, faz em seguida o rebate saido, saindo com a perna direita um passo para traz.

O adversario que deixou passar a segunda pancada sem a tomar, prepara-se para entrar a coberto debaixo do rebate saido, pelas seguintes fórmas:

Logo que a referida pancada passa a linha do nosso corpo, o pé direito que estava recuado ou ladeado (con-

forme a guarda com que se deu passagem á pancada foi ladeada ou saida) volta a ocupar o sitio em que foi alvejado, e depois d'ahi proceder-se-ha das seguintes fórmas:

1.º Entrando com a perna esquerda para a frente, medindo com a vista o alcance do rebate (maneira mais vulgarmente observada, mas imperfeita e perigosa, porque se arriscam, quanto mais não seja, as mãos, a perna ou o pé esquerdo).

2.º Entrando com a perna esquerda, mas desviada sobre o lado direito, e coberto por cima, fica em posição para responder com uma retaguarda, ou então para rapido aproximar o pé direito do esquerdo, e atacar com qualquer pancada estendendo a perna esquerda para a frente.

3.º Aproximando bastante o pé esquerdo do direito, para em seguida estender um pouco desviada para o lado direito a perna, e assim coberto por cima tomar o rebate, com o corpo desviado da linha da pancada, e depois responder como melhor lhe aprouver.

Quando se pretenda tomar a segunda pancada póde-se-lhe metter o páu n'uma simples guarda saida, acrescentar o passo e atacar de ponta, que o adversario defenderá com a respectiva guarda, ou a que pretenderá responder saltando fóra com um rebate, ou saindo um passo com o córte por fóra. O páu póde tambem ser mettido com guàrda avançada, em que o pé entra protegido com o páu.

Referindo ainda á segunda pancada, faltou a hipotese de se pretender cortar:

Para isso o mais simples é, na posição em que se está, saír com a perna direita a deixar passar a pancada, para entrar de novo cortando, por dentro ou por fóra, por cima ou por baixo, no caso de se não pretender cortar antecipadamente, porque então se descarrega o córte pouco depois da pancada formada.

Pretendendo cortar a terceira pancada, isto é o rebate, terá de se lhe fazer córtes entrados, a alvejar no momento do rebate ir a caír no chão, visto que se trata d'uma pancada saída.

Ora como se vê pelo muito pouco que fica exposto, e muito mais se poderia dizer sobre esta serie de pancadas, o fogo do páu tem muito por onde um professor deligente e estudioso possa entreter o desejo de saber dos seus discipulos, quando eles tambem se queiram dedicar seriamente a este tão lindo exercicio.

O perigo no jogo do páu só existe para aqueles que pretendem jogar sem estudo, e que querem fazer as cousas *à la diable*, fiados (mas enganados) nos seus recursos fisicos. Para aqueles que apredem a jogar fazendo constantemente pancadas bem apontadas e medidas, não é perigoso, porque sabem bem a consequencia funesta da sua falta de humanidade e geito, quando encontram um adversario menos pratico. Vi isso entre jogadores valentes e inimigos pela vaidade, e o mesmo tenho observado por vezes com os discipulos.

Final

Vou pois terminar este meu modesto trabalho, esperando da benevolencia dos que se dignarem analisal-o, todas as desculpas indispensaveis, mas confesso, que de ha muito me não podia conformar com a ausencia completa, e que ameaçava ser perpetua, de duas linhas escritas sobre a maneira de praticar este exercicio.

Do coração desejo vêr este meu insignificante trabalho reproduzido, mas muito mais correcto e aumentado, como deve e póde ser feito, analisando e dissertando

sobre varios exemplos, do que se póde e deve fazer ao estudar toda e qualquer serie de pancadas.

Para finalisar direi mais, que julgo ser obrigação dos instruidos que cultivam este exercicio, e que melhor do que eu o possam fazer, demonstrar com trabalho mais perfeito e completo do que o que fica feito, que o jogo do pàu é uma perfeitissima esgrima, a que não falta a arte inerente a qualquer outra, e que está muito longe de ser, como algumas pessoas julgam, uma cousa qualquer mais ou menos espalhafatosa, em que o páu báte no páu.

E por ultimo, cumpro o grato dever de manifestar o meu reconhecimento, para com o meu velho amigo e ex-discipulo, Carlos Vasques, primoroso fotografo do Largo Rafael Bordalo Pinheiro, que suportou com a sua colaboração n'este modesto trabalho, uma maçada grande e totalmente desinteressada.

INDICE